

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

LUCAS ABNER BORGES DA SILVA

CABOQUINHO AO SONHAR: NO CORAÇÃO DA ROÇA

São Paulo

2024

LUCAS ABNER BORGES DA SILVA

CABOQUINHO AO SONHAR: NO CORAÇÃO DA ROÇA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de licenciado em Artes Cênicas.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo

São Paulo
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVA, Lucas A. B. **CABOQUINHO AO SONHAR: NO CORAÇÃO DA ROÇA.**
2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Cênicas) - Escola de
Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo
Orientadora - Universidade de São Paulo (USP/São Paulo-SP)

Casé Angatu Xukuru Tupinambá
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA)

*Aos sonhos de fartura
Por alimentar nossas roças*

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a espiritualidade que abre os caminhos de conexão entre o visível e o invisível. À Jurema que nos firma e nos orienta.

Agradeço especialmente os meus parentes que abriram suas portas e seguraram o fio desta pesquisa, em especial aos meus tios e tias Agostinho, Neuza, Divina, Zézinho, Euripa, Zé Divino, Avelina, Canhoto e Fiinha, e aos meus primos Ricardo, Gislene, Cláudio e Zé Carlos. Aos primos Miguel e Aninha, Adriana, Amanda, Luciene, Scarlaty, Ademilson, Lana, Ana, Dirce e Zézinho, minha gratidão por participarem e apoiarem o processo.

Aos meus avós paternos e maternos, principalmente seu Mário e dona Bilinha, por traçar as rotas que nos criam. Agradeço por sustentarem o nosso céu e continuarem cuidando de nós em cada detalhe.

Aos meus pais, José Manoel e Renilda, guardo uma gratidão especial. Todo o aprendizado e o cuidado que me transmitiram fazem de vocês os troncos que sustentam minha vida. Obrigado por toda articulação, mesmo de longe, para ajudar a construir esse sonho.

Às minhas queridas irmãs, Franciele e Loraine, por serem as companheiras que terei por toda vida. Vocês carregam em seus abraços o meu mundo. Vocês me ensinam a crescer sem medo, pois sabemos que estaremos um do lado do outro.

À Igor por mover meu amor. Em nossas aventuras aprendemos a compartilhar a vida, com todos seus altos e baixos. Você me inspira a ter coragem. Quando estamos juntos, nos abrimos ao mundo sem medo, pois sabemos que nossa morada anda de mãos dadas conosco. Você é a chuva e o sol que alimenta minha roça. Em suas mãos, também está o fio dessa história, pois somos família.

À roça que se move por suas práticas e nos revela quem nós somos e costura nossa fartura no espaço. Obrigado por ser a guardiã dos conhecimentos que nutrem nosso seio familiar. Do mesmo modo, agradeço à mãe-terra, que nos ensina a confluir e aprender com toda a vida que pulsa e se manifesta ao nosso redor.

Estendo minha gratidão ao Cerrado, que nos ensina a resistência; à Mata Atlântica, que nos acolhe; à Caatinga, de onde nutrem-se nossas raízes e origens; e à Restinga que nos conecta.

À Brasilândia, por me criar e ensinar o valor da vida em comunidade, meu reconhecimento eterno.

À Ilha Comprida, por ser um lar de cura, onde podemos nos lavar em suas águas. Na sua restinga confluímos as famílias e descansamos nossos espíritos. Obrigado por tanto.

À EMEF Morro Grande, a escola que carrego no peito e que inspira meus sonhos no campo da educação, fica minha gratidão pela base que me proporcionou. Agradeço principalmente os professores e professoras Elayne, Luizinho, Telma, Herica, Irenice, Alan, Germano e Fabiano, vocês constroem diariamente os sonhos da criançada do morro, e eu sou uma delas.

Aos sonhos, que continuam mudando o meu mundo, agradeço pela inspiração constante.

À retomada Otxukayana Tarairiú por se organizar na articulação entre diversos parentes e possibilitar a conexão entre nós. Assim como agradeço aos territórios Otxukayana que atualmente tem se estabelecido entre o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Agradeço principalmente Komati Ariú, Nidéwãna, Nomy, Dendê Ma'at, Luana Silva e Daniela por serem companheiros nesse reencontro entre parentes a alimentarem nossa força de organização enquanto comunidade Otxukayana.

À Pam, por ter sido os ouvidos que acolheram meus medos, frustrações e coragem, e por sua boca que proferiu o apoio para tocar abismos. Obrigado por não deixar desamparada uma plantinha que se desprende das margens para fluir no grande rio da via e hoje pode contar as histórias que nutrem sua raiz.

À 019, por tanto inspirar. Principalmente meus amigos Breno, Isabela, Ingrid, Dany, Daniela, Artur, Ana, Larissa, Nairim, Su, Daniel, Carlos e Beatriz. Estendo este agradecimento ao Departamento de Artes Cênicas da USP que foi lar para nossas práticas durante esses anos de graduação, com um carinho especial para Rai, Fernandes, Gustavo e Jonas.

Agradeço especialmente os docentes Marcos Bulhões, Verônica Veloso e Sayonara Pereira do Departamento de Artes Cênicas, os quais acompanharam essa graduação de perto e incentivaram cada passo. Com vocês, encontrei conhecimentos que carregarei por toda vida. Do mesmo modo, agradeço a minha querida orientadora Malu por acreditar nesse sonho e ser articuladora chave na construção desse percurso.

Ao Laboratório de Práticas e Estudos em Tanz-Theatralidades (LAPETT) por mover meu corpo e permitir a dança em cada detalhe da vida.

Ao Laboratório de Práticas Performativas da USP (LPP) por ser espaço de estudos e criação no campo das práticas performativas, por abrigar minhas pesquisas e ser um ponto de compartilhamento de práticas que tensionam corpos e espaços com sua disruptividade.

Ao Grupo de Teatro Aberto da ECA USP (GTECA) por permitir me apaixonar pela arte e educação, assim como poder estender as pesquisas realizadas no CAC, dentro de um espaço independente e aberto, podendo compartilhar pesquisas com tantas pessoas. Sou grato por contribuírem tanto em minha trajetória como artista-pesquisador-pedagogo.

Agradeço às famílias que se formaram nesse percurso de graduação, especialmente aos meus compadres Júlia e Awassury, que me transformaram em um padrinho babão com Idzá Inayê, o fruto da força e da felicidade.

Ao Levante Indígena na USP, por mobilizar e ser um histórico movimento indígena na USP e que permitiu a conexão entre diversos parentes, em diferentes contextos e realidades. Por articular nossa participação nas mobilizações indígenas regionais e nacionais, como pontos de formação e compartilhamento entre parentes.

À Coligação dos Indígenas Estudantes da USP (COIE) por acreditar em diferentes frentes de luta indígena na universidade e integrar a força para o avanço dos direitos dos povos indígenas nas universidades.

Por fim, em especial, agradeço profundamente a todos que contribuíram com a arrecadação para essa pesquisa. Sem o apoio de cada um de vocês, isso não teria se tornado realidade. Vocês transformaram um sonho em vida. Obrigado por todo carinho.

O pobre caboclo aqui na cidade
Sentindo saudade suspira demais
Lamenta o momento de sua partida
Da terra querida de seus ancestrais
Deixou o seu rancho no pé da colina
A água da mina de cor de cristal
Trocou o seu mundo de bela paisagem
Pela falsa imagem de uma capital

O filho caçula bastante mudado
Buscando o passado lhe pede lição
Papai me ajude fazer um trabalho
Que fale da roça, do nosso sertão
Descreve as delícias do cheiro do mato
O manso regato, as belas manhãs
Os raios de Sol se apagando distante
E o canto marcante de um belo chanchão

[...]

Me fale dos campos e da liberdade
Que aqui na cidade a gente não tem
Papai eu lhe digo com muito prazer
Que me orgulho de ser um caipira também

O pobre matuto abraça seu filho
Os olhos com brilho e o olhar sonhador
Seus modos revelam doida lembrança
Do tempo da infância no seu interior
O filho porém nem sequer desconfia
O quanto judia do seu velho pai.
Fazer com que ele reviva na mente
O tempo ausente que não volta mais

Família do Interior

Dino Franco e Mouraí

RESUMO

Este trabalho propõe um percurso imersivo na prática do roçado junto a uma comunidade familiar cabocla situada no cerrado brasileiro. A partir do cotidiano, são envolvidos programas performativos para promover a manifestação da memória e cultura cabocla diante de sua ancestralidade indígena. Ao segurarmos o fio de nossa memória, começamos a costurar nossa história. Com base em uma pedagogia da cabocagem e numa abordagem transdisciplinar com as práticas performativas, investiga-se a aprendizagem mútua, transmitida de geração em geração, que mantém vivas as práticas do roçado e a memória coletiva. Enraizados em uma educação entre parentes, os membros se unem para contar suas histórias, preservar a memória e a história, construindo este arquivo. Atendo-se às perspectivas contra-coloniais, a pesquisa se manifesta pelo sonho da fartura cultural e pela valorização das raízes indígenas em diálogo com as práticas do presente. Assim, no pulsar da aprendizagem, as práticas performativas tornam-se uma linguagem cotidiana, criando pontes com o ensino e a transfluência de saberes em família caboclas.

Palavras-Chaves: Identidade Diaspórica Indígena; Práticas Performativas; Roças Caboclas; Pedagogia da Cabocagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografias Etnopoéticas.....	17
Figura 2 - Trajetos de migração.....	22
Figura 3 - Tia Divina.....	27
Figura 4 - Laços entre tia e sobrinho.....	29
Figura 5 - Covas, ramas e plantação.....	35
Figura 6 - <i>A água encantada</i>	37
Figura 7 - Tia Fiinha.....	41
Figura 8 - Ao sair do Venha-Venha.....	43
Figura 9 - Tia Euripa, Tio Manoel, Lucas e Lucas.....	44
Figura 10 - Limpeza do túmulo em Ituiutaba.....	46
Figura 11 - Adriana e o Salto.....	47
Figura 12 - O quintal-roça de Euripa.....	50
Figura 13 - A casa de seu Mário.....	51
Figura 14 - O que se vê.....	53
Figura 15 - Espaço de trabalho.....	54
Figura 16 - Escrita em fluxo contínuo.....	55
Figura 17 - Mascara Maria Maximina.....	57
Figura 18 - A Lua Cheia.....	60
Figura 19 - Contação de histórias com Miguel e Ana.....	65
Figura 20 - Desenhos de Miguel e Ana.....	66
Figura 21 - A ponte.....	69
Figura 22 - O cavaquinho.....	70
Figura 23 - Tio e sobrinho em Itaguaçu.....	71
Figura 24 - O caminhão e o Maracá.....	74
Figura 25 - O começo do reencontro.....	77
Figura 26 - Desenho do tio Agostinho.....	78
Figura 27 - Nos rastros de um e de outro.....	81

SUMÁRIO

O SONHO DE UM CABOCLO.....	12
1. QUEM NÃO É VISTO, É LEMBRADO: memórias familiares.....	17
1.1. Desafios e tensões - rumo às práticas performativas.....	23
2. CAPÍTULO 1: NA LUA NOVA SEMEAMOS ANCESTRALIDADE.....	26
3.1. Caboclos - Migrações, Diásporas e Etnogênese.....	30
3.2. A Roça como Pedagogia da Cabocagem.....	34
3. CAPÍTULO 2: NA LUA CRESCENTE ROMPEMOS O CONCRETO.....	40
3.1. Aprendizagem e Cura: heranças do saber.....	44
3.3. No meio do Triângulo.....	54
4. CAPÍTULO 3: NA LUA CHEIA CONTAMOS HISTÓRIAS.....	59
4.1 Terreiro de histórias: econarratividade em jogo.....	63
4.2. Itaguassu Minguate: uma viagem no tempo que hoje se faz presente.....	67
4.3. Na dança do tempo, pisamos no rastro.....	76
PARA QUE SONHEMOS NUMA NOITE SEM LUA.....	83
REFERÊNCIAS.....	84

O SONHO DE UM CABOCLO

Não existiu uma criação do mundo e acabou! Todo instante, todo momento, o tempo todo é a criação do mundo. (KRENAK, 1992)

Com qual mundo você sonha?

Dentro do mundo em que habito, os sonhos são o princípio de criação. Eu mesmo cheguei neste mundo através de um sonho do meu pai. Ele sonhou comigo três vezes. Na primeira vez eu era um bebê recém-nascido e lhe era apresentado como filho. Na segunda vez eu já estava maior, na pré-adolescência, e usava um macacão e sorria para ele. Na terceira vez eu voltei bebê e lhe mostrava as juntas da minha mão - juntas que deixavam pontos mais escuros em minha pele. Quando nasci, seu sonho nasceu comigo. A promessa dos sonhos veio ao meu pai junto de minhas mãos, como um presente do mundo dos sonhos.

De certo modo, continuei também sonhando enquanto metodologia de comunicação e de visões de mundos, como aprendi em toda participação em minha comunidade familiar. O sonho sempre foi um ponto em que acreditamos nos conectar com o mundo espiritual e por isso são vetores do sagrado. Quando alguém sonha, paramos para escutar, pois são visões que atravessam o que está no passado, no presente e no futuro - são roças de mundos fartos. Somos emaranhados de sonhos que nasceram no mundo. Todavia, os sonhos, em sua influência no mundo desperto, nos inspiram a construir mundos. Essa inspiração foi o que me trouxe até esse momento, me levando entre os estudos, as experiências e as vivências até compor os meus pensamentos de hoje. Temos muitos sonhos para construir, e os construímos diariamente. Essa pesquisa surgiu assim, num sonho que precisei construir.

Sou criado na Brasilândia, periferia da zona norte de São Paulo. Entretanto, para chegar na favela, precisei ser filho e neto da migração. Migrações que se originam no nordeste, no Brejo Paraibano e nas Matas de Sergipe, respectivamente à família paterna e materna. Foram migrações de caboclos que nos passaram entre histórias sua ascendência indígena e formam todo o nosso modo de ser e estar no mundo, seja nas matas, nas roças, nas cidades interioranas e nas favelas.

As favelas sudestinas, não à toa também comunidades, são também constituídas por sonhos diaspóricos. As mãos que constroem as grandes cidades, são mãos que chegaram nesses espaços muitas vezes por um sonho. O sonho da oportunidade, da prosperidade, da sobrevivência. Os pés, por vezes, sonham em sair correndo de volta para suas famílias em

seus territórios de origem. E o coração pulsa no sonho de um futuro em que sua existência seja repleta, integral.

Um sonho que vive em minha criança é poder enraizar nossas histórias e compreender juntamente com minha família nossa comunidade originária que se reinventa constantemente no decorrer dos longos trajetos. Um sonho de reescrever nossa memória familiar neste tempo e neste espaço. Um sonho de pegar nossos pés, mãos, nossos órgãos, nossos ossos, sangue, nossos espíritos, tudo que compõe nossos corpos e reconstruir territórios férteis à ancestralidade. Vale ressaltar que esse sonho não começou aqui, mas este trabalho é um desdobramento do mesmo e perspectiva-se a continuar desdobrando-se em nossas relações familiares. Para isso, enfoco neste desdobramento minha família paterna e as roças que nos formam.

Como, a partir da inserção nas práticas do roçado, convivência familiar e oralidade da ancestralidade, propor programas performativos para ressignificar memórias familiares originárias?

Essa foi a pergunta que deu o pulso deste sonho na dimensão em que todos parentes de minha família pudessem segurar o fio da memória e costurar nossa história no tempo e espaço. Dessa maneira, criamos aqui um arquivo familiar com as fluências de nossa memória e cultura que se formou com a migração indígena nordestina para o sudeste e se encontrou com outros caboclos na divisa entre sudeste e centro-oeste. Na divisa feita pelo rio Paranaíba as roças vão retomando o chão e ensinam o 1 a tornar-se 1000, num fluxo de conhecimento com o território e memórias diaspóricas.

Deste modo, o percurso que realizei para chegar até os meus parentes se baseou nas viagens anuais com meu núcleo familiar para visitar nossos parentes. Desta vez, estive pela primeira vez guiando esta viagem sem meus pais, como um pássaro aprendendo a voar uma migração inteira, mas não fiz sozinho. Quase como se sempre estivesse observando para um dia também fazer. Todo o trajeto foi acompanhado de Igor Amarante, que registrou, viveu e se aprofundou nesta pesquisa comigo, num vínculo de confiança e muito afeto, sendo meu núcleo familiar que agora se reapresenta à toda família. Fiz uma viagem que sempre fiz, mas desta vez, tudo era diferente.

Diante do cotidiano, como fazer tudo de novo reprogramando ações?

Assim, refaço esse trajeto inicialmente saindo de São Paulo para Uberlândia e Ituiutaba - municípios de Minas Gerais. Nesse triângulo, chegamos com um enfoque sobre a manifestação cultural do roçado no meio urbano com meu primo Ricardo e tia Divina em Uberlândia, e com o núcleo familiar de minha tia Euripa em Ituiutaba. Ricardo e Euripa são mãe e filho, ambos conduzem em seus quintais-roças o conhecimento sobre a aprendizagem mútua e transgeracional sobre as ciências de cura, e com eles enfoco suas práticas com as medicinas da natureza e relação com os ancestrais da família. Com essa perspectiva sobre os ancestrais, tia Divina - uma de nossas contadoras de histórias - nos guiará pela história através de seu envolvimento com as práticas do roçado, assim como ressalta a necessidade de fortalecer vínculos entre gerações para que a aprendizagem possa fruir.

Com as rachaduras e agora com um enfoque sobre a própria prática do roçado em seu contexto fora da cidade seguimos para Goiás em Inaciolândia, São Simão e Itaguaçu, com os núcleos do meu tio Agostinho e tia Fiinha, nossos *troncos velhos*¹. Ambos são guardiões de memórias que conectam com histórias da ancestralidade, assim como são fonte de conhecimentos sobre a prática do roçado nesse território no Cerrado fruindo aprendizados em suas roças. Ao aprender com eles, também aprendemos com nossos ancestrais. Nessas roças surgem memórias que conectam com a ancestralidade, com ‘assombrações’ que rondam os terreiros e sua relação com o visível e o invisível. Com meu tio, especificamente, também há o enfoque de se disponibilizar durante sete dias em sua casa para que juntos pratiquemos aprendizagens mútuas, onde memórias *transfluam*² de ambos enquanto nos propomos a trabalharmos juntos na roça. Nesta viagem tratamos de como a manifestação das aprendizagens mútuas realizadas dentro do contexto do roçado têm causado rachaduras nos concretos e motivado sonhos de fartura com a cultura e ancestralidade.

Durante essa pesquisa os laços se estreitam revelando conhecimentos que atravessam gerações e contextos de vivência, seja no centro-oeste ou sudeste, roça e urbanização. Esse laço já foi pautado em conversas entre meus primos, chegando numa conversa aflita que após

¹ Figura que representa os elos mais profundos com o passado, sendo empossado por pessoas de faixa etária mais avançada; representantes e porta-voz da sabedoria do passado.

² Conceito contra-colonial ao termo “transporte”, cunhado por Nêgo Bispo. “Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se junta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta. É a partir dessas leis que se geram os grandes debates entre a realidade e a aparência, ou seja, entre o que é orgânico e o que é sintético” (BISPO, 2015. p. 89)

a passagem dos nossos mais velhos, provavelmente tomaremos outros rumos e não nos veremos mais. Com essa conversa alimento o sonho desta pesquisa com a necessidade de fortalecer o laço com as gerações mais novas. Para esse sonho ser construído, assim como poder criar um arquivo dessa experiência que diz mais sobre nós em comunidade do que sozinhos, elaborei esta pesquisa para os rastros que deixamos em nossas trilhas.

Assim, para alavancar memórias, histórias e aprendizados que rondam esta comunidade familiar, foram utilizadas as ações do cotidiano que são atravessadas pelas práticas performativas, seja efetivamente na roça ou em quintais que se transformam em roças no meio da urbanização. Com isto, a oralidade como prática do roçado se estende para revelar memórias de tempos e ações ligados à ancestralidade que tornam a ensinar e a aprender com os cotidianos atuais - num constante compartilhamento do saber. Para adentrar nesse território familiar e pensar nessa pergunta propulsora, me recoloco na comunidade como filho, sobrinho, neto, mas agora também como um artista, pesquisador e educador.

Para isso me atendo à roça enquanto o espaço fértil da pedagogia da cabocagem, um espaço de formação em que não só os caboclos de minha família se educam, mas que forma todos que dela cultivam. Nesta abordagem pedagógica, pensaremos em ensinamentos e aprendizagens enraizadas que se conectam aos envolvidos na manifestação do conhecimento através do cultivo da autonomia, relação comunitária e de reflexão crítica sobre sua própria prática e performatividade. Em cada ponto, um ponto de memória é plantado para que frutifique o futuro.

Com a aprendizagem mútua entre gerações que ocorre no contexto do roçado com minha família - não exclusivamente, mas como a tantas outras -, busco valorizar os conhecimentos tradicionais e populares praticados pela população local enquanto manifestação de saberes e ciências não-hegemônicas existentes no Cerrado brasileiro. O que neste viés, evidencia um percurso com uma história marcada pela invisibilidade social, reinvenção de nós enquanto comunidade familiar e a resistência em práticas ancestrais que motivam uma luta pela preservação da natureza e dos modos de ser e estar no mundo.

Na perspectiva de uma pedagogia cabocla com a vivência, memória e cultura nesse contexto, e em conexão com o campo da pedagogia das artes cênicas, há a utilização de *programas performativos*³ que juntamente da imersão no cotidiano revelam possibilidades

³ Tópico 1.1. Conceito tratado por Eleonora Fabião, disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7957711/mod_resource/content/1/FABIA%CC%83O%2C%20Eleonora.%20Programa%20Performativo.pdf>. Acesso em 20 Jun. 2024.

criativas para alavancar memórias originárias dentro do contexto cultural caboclo, enquanto prática de sua própria ancestralidade originária.

Vale ressaltar que os programas performativos, por serem mergulhados na imersão dessa experiência, são elaborados na disruptividade do cotidiano, portanto, esse caráter liga-se a atender às demandas pedagógicas que surgem entre relações. Para tal, os programas performativos foram elaborados de modo que se insiram nas manifestações culturais em meio às práticas cotidianas, se estruturando em meio à rotina com contações de histórias, escritas em fluxo contínuo, criação de percursos, releitura do espaço a partir da *econarratividade*⁴ e jogos que versam com uma dramatização do cotidiano. Nem todos foram feitos por minha autoria, muitos tiveram a participação ativa dos parentes que ajudaram a elaborar. Por isso, as práticas performativas se valem desse sonho enquanto linguagem sempre disposta a tensionar a realidade, na reprogramação das relações e das práticas.

Este sonho trilha conexões com a ciência de o que cultivar e de quando cultivar; do que crescerá e do que morrerá; do que existe e do que quando o “não existe” passa a existir.

Para a ancestralidade de minha família, pedimos benção e damos espaço para suas ciências, a fim de semear memórias caboclas em roças férteis. No espiralar do tempo, um presente passado, um presente e um presente futuro. Sonhamos com pontos de convergência entre os que se foram, os que estão e os que virão, assim como suas formas de ser e estar no mundo com sua originalidade neste território e sua dinamicidade em nossa performatividade cotidiana.

Durante esse processo, encontrei múltiplas memórias e, para selecionar aquelas que estão registradas aqui, contei com a orientação dos parentes que as compartilharam comigo. Assim, as narrativas presentes foram escolhidas com base em um discernimento cuidadoso sobre o que pode ou não ser exposto em relação à nossa comunidade. É essencial traçar delimitações quanto à exposição das práticas e histórias, para que o que é destinado à oralidade permaneça nesse domínio.

Dessa forma, a oralidade assume também o papel de salvaguardar a memória, regulando o que é compartilhado publicamente e o que permanece reservado. Nem tudo que sonhamos, contamos. Nem tudo que contamos, sonhamos.

⁴ Tópico 2.2. COSTA, I. Econarrativas visuais: o despertar de si como natureza. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

1. QUEM NÃO É VISTO, É LEMBRADO: memórias familiares.

Seguiremos juntos, *seguindo no rastro um do outro*.

Falaremos aqui sobre os rastros de memória que se costuram a partir de coletas de relatos durante toda minha participação com a comunidade familiar paterna e com relatos advindos de tia Divina e tio Agostinho durante a pesquisa. Convido o olhar para o envolvimento desta presença dos ancestrais mesmo que não seja visível aos olhos do hoje, mas como a existência e resistência de conhecimentos que são passados entre gerações. A ancestralidade para além do que os olhos enxergam. Afinal, quando plantamos ancestralidade, o que colhemos?

Figura 1 - Fotografias Etnopoéticas





Fonte: Acervo pessoal (1980-1990)

Em foco está um vínculo mantido entre o visível e o invisível. Nesse encontro, o que não é visto vive e enraíza ao ser cultivado numa cultura que conflui com aprendizados mútuos de diferentes biomas territórios, carregando memórias vivas de uma história familiar que se compartilha com a de muitos outros núcleos caboclos diaspóricos. A memória viva neste momento finca-se como pilar de um movimento *endoetnográfico*⁵, ou melhor, de retomada do que nunca deixamos de ser enquanto comunidade familiar e juntos mergulhamos em nós mesmos para seguirmos o rastro de um e de outro.

Para apresentar-lhes esta história seguiremos juntos em seu contexto no passado e presente, para que olhemos as já existentes raízes que se multiplicam sob nossos corpos e que possamos horizontalizar *futuros ancestrais*⁶. Neste tópico te convido a conhecer a história dessa família, mas que se reflete em cada curva da história da formação do Estado brasileiro e a resistência dos conhecimentos ancestrais indígenas através de gerações numa família.

Meu avô, Mário José da Silva (1924-2013), caboclo nascido em Serraria - PB, no brejo paraibano, é uma figura que carrega tanto histórias quanto silêncios. As lacunas deixadas por sua migração e adoção nos convidam a preencher os vazios com nossas próprias narrativas, uma prática de resistência que costura memórias e afeto. Por isso trago sua história. Seu Mário é reconhecido pela memória familiar como principal elo com a “origem” ancestral a partir de relatos de seu pertencimento indígena por parte dos pais, avós e bisavós, e

⁵ A endoetnografia é usada enquanto termo para “pesquisas etnográficas realizadas dentro da cultura da qual o pesquisador compartilha o conceito de experiência próxima” (RIBEIRO, 2018)

⁶ KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

então sua adoção por uma família não-indígena. Antes de falarmos sobre sua migração, preciso colocar aqui o contexto histórico desse território onde nasceu.

O Brejo Paraibano é um território marcado pela força das nações tapuias⁷ Otxukayana⁸ - chamada pelos tupis como Tarairiú⁹ – e Kariri. Antes mesmo da fundação de Serraria, em 1851, num ponto que engloba toda região de que viria a ser toda redondeza de Bananeiras¹⁰, foi-se instaurado o Aldeamento Boa Vista num contexto pós-guerra com as nações tapuias que ocupavam os sertões, trazendo os indígenas do interior para este aldeamento. Essa guerra que falo é exatamente conhecida como Guerra dos Bárbaros nos livros de história, uma história que foi nomeada com “bárbaros” justamente por tratar-se de uma guerra contra os tapuias, os chamados “selvagens” pela colonização. Não obstante, neste aldeamento dois povos da nação Otxukayana são evidentes, os Xucurus e os Kanindés, mas que durante toda sua história também confluíram com outros povos, inclusive com seus até então inimigos Tupis¹¹ - neste caso Potiguaras e Tabajaras. Este aldeamento foi conhecido como ponto de potente resistência indígena no século XVII e XVIII, com a preservação do culto à Jurema Sagrada¹².

A jurema sagrada teimava em se firmar, em povoar as mentes de seus adeptos com seus próprios rituais, seus próprios dogmas. Assim como sua raiz se fixava na terra e a partir dali crescia, também se entranhava nos espíritos dos juremeiros em uma simbiose que só se revelava aos escolhidos. (FREIRE, G; APOLINÁRIO; J, 2011)

Por conta de sua resistência que convertia até padres, projetos coloniais foram sendo executados para diminuir sua força comunitária, com a dissipação de sua etnicidade a partir da catequização, genocídio e miscigenação. O último registro feito sobre esse aldeamento foi no

⁷ Termo em tupi que pode significar “inimigo, bárbaro”. Utilizado para nomear os povos do interior que resistiam à colonização, num empregamento generalista aos povos. Hoje em dia, o tapuia se ressignifica diante da autodenominação de diferentes povos em seus contextos comunitários e étnicos.

⁸ De Ketsekrá para Português poderíamos pensar em uma tradução como “Guardados pelo vento de Otxá”, o senhor dos ventos.

⁹ “Comedores de Traíra” no Tupi Antigo.

¹⁰ Incluindo Borborema.

¹¹ “Havia o cuidado de separar aliados, bem como de unir etnias inimigas, no intuito de dificultar a comunicação entre eles, procurando afastar eventuais rebeldes. O intuito dos aldeamentos era a educação com vistas principalmente ao ensino da língua portuguesa e, é claro, da doutrina católica.” (FREIRE; APOLINÁRIO, 2021, p. 157)

¹² “A jurema é uma árvore, das acácias, típica a climas áridos e semi-áridos, predomina no Nordeste brasileiro. [...] Há três tipos comumente identificados: a Jurema Preta, a Jurema Mansa e a Jurema Branca. É válido salientar o caráter polissêmico da jurema: é ciência, é planta e é cidade. Só os mestres detêm a primeira, consistindo no conhecimento de seus segredos, na confiança que lhes têm as divindades; a segunda revela o caráter sagrado da árvore, sendo o principal ícone desse ritual mágico religioso; enquanto cidade abriga os mestres, lhes dá alento até a oportunidade do contato entre as esferas do humano e do divino” (LUZURIAGA, 2001, p. 08-09)

século XVIII com a aplicação da Lei Pombalina - política implementada principalmente para fortalecer o controle português sobre a colônia e a exploração econômica dos territórios indígenas -, com registros dos Xucurus e Kanindés serem levados à Vila de Monte Mor - hoje Terra Indígena Potiguar - próximo do litoral norte paraibano e da capital João Pessoa. Todavia, há todos os que também ficaram ou migraram para regiões vizinhas. Já no séc. XIX, como se um meteoro tivesse caído no aldeamento e nas redondezas, todos foram dados como extintos, num território sem ninguém, pacífico de instalação da civilização hegemônica. Assim, começaram a contar que era então uma nação extinta, ali não mais estavam.

Como olhamos o mundo quando o que estava “extinto” passa a reexistir?

Você sabia que um sabiá já foi um dinossauro?¹³ A sobrevivência e a existência na mãe terra são múltiplas e manifestam a origem do mundo. O extinto ao reexistir é, portanto, um ato de sobrevivência ligado à origem do mundo e às maneiras de resistir no espaço. O sabiá carregado de seu parentesco continua espreitando mesmo em grandes cidades sua caça, como faziam seus ancestrais, na restauração performativa da própria ancestralidade comportamental e organizacional de seu modo de existência no mundo.

Hoje restauramos nossa performatividade no cotidiano, através das práticas no roçado, no pulso que nos conecta com nossa ancestralidade. Meu avô foi órfão de uma mãe tapuia, Maria Maximina da Conceição, que faleceu em seu parto e sua primeira criação foi entregue à parteira ou sua madrinha - relato com diferentes descrições entre os parentes. O que se conta é que nosso sangue era forte, com um temperamento impetuoso que nós herdamos, um modo de vida tapuia, ou como chamamos entre nós de “virar onça”. Virar onça para sobreviver no mundo. Onça é arisca, impetuosa, com uma valentia que poucos ousam enfrentar. Algumas pessoas viram onça com mais facilidade, outras com mais dificuldade, mas todos carregam ela dentro de si, de diferentes tamanhos, personalidades e temperamentos. Meu avô nos lembrava disso.

Após inicialmente ser cuidado por outra família, cresceu em um orfanato, até um dia virar onça e arrancar um paralepipedo no chão e lançar na cabeça de um senhor. Após esse ocorrido, com idade aproximada de 10 a 13 anos, migra do nordeste para o sudeste em pau-de-arara - meio de transporte irregular, normalmente em caçambas de caminhão, utilizado

¹³ Thomas Henry Huxley e o parentesco entre dinossauros e aves. *Intelligere*, [S. l.], n. 11, p. 178–197, 2021. DOI: 10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2021.185719. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/185719..> Acesso em: 28 out. 2024.

por migrantes nordestinos para chegar no sudeste -, chegando nas margens do Rio Paranaíba¹⁴ - o qual marca a fronteira entre os estados de Minas Gerais e Goiás -, onde casou-se com minha avó, Maria Rita da Silva, também cabocla, e teve 6 filhos migrando de roça em roça, sendo os últimos filhos nascidos numa casa de *sapé*¹⁵ (ou sapê) construída por ele. Essa casa atualmente encontra-se mergulhada sob a represa do rio para o município de São Simão - GO.

Ao todo foram 7 filhos, sendo o primeiro um enteado anterior ao casamento com minha avó, seu nome é Agostinho - hoje um conhecedor e guardião da memória da família. Vale ressaltar que muitos migrantes nordestinos que passaram por este processo, são indígenas e que tiveram uma massiva participação na construção das grandes cidades, sobrevivendo nas periferias e elaborando outras formas de ser indígena (assim como todo movimento atual de diáspora indígena no sudeste) nas periferias e no campo.¹⁶

Durante todo o tempo no sudeste com travessias para o centro-oeste, enquanto a família crescia, eles moravam em roças, trabalhando em situações análogas à escravidão para senhores e senhoras de terras. Portanto, meu pai e meus tios nasceram e foram criados nesse contexto, que se intensificou com o falecimento de minha avó no final da década de 60 após estar grávida e contrair febre amarela, sendo uma família que buscou refúgio em casas de tios, mas continuaram em contextos precários. Viveram em lugares em que não havia nem vila, nem município, apenas a mata e a roça, acompanhando a fundação de muitas cidades no entorno, incluindo um município que adentramos nessa pesquisa: Inaciolândia¹⁷.

Neste município e seu entorno vivem parentes que acompanharam sua fundação e nesta pesquisa foram dois os dois troncos-velhos que nos guiam pela história, meu tio Agostinho e tia Fiinha, minha prima-tia-avó que acompanhou meu avô e ajudou na criação de seus filhos após o falecimento de sua prima, minha avó. São pontes com este passado, varas que lançam o anzol para colher histórias no longínquo rio da memória.

¹⁴ “O Rio Paranaíba, juntamente ao Rio Grande, é um dos formadores do Rio Paraná. Sua nascente está situada na Serra da Mata da Corda, no município de Rio Paranaíba/MG, e possui altitude de cerca de 1.100 m. Percorre aproximadamente 100 km até alcançar o perímetro urbano de Patos de Minas/MG e segue mais cerca de 150 km até tornar-se limítrofe entre os Estados de Goiás e Minas Gerais.” Disponível em: <<https://cbhparanaiba.org.br/a-bacia/regioes-hidrograficas>>. Acesso em 10 de nov. 2024.

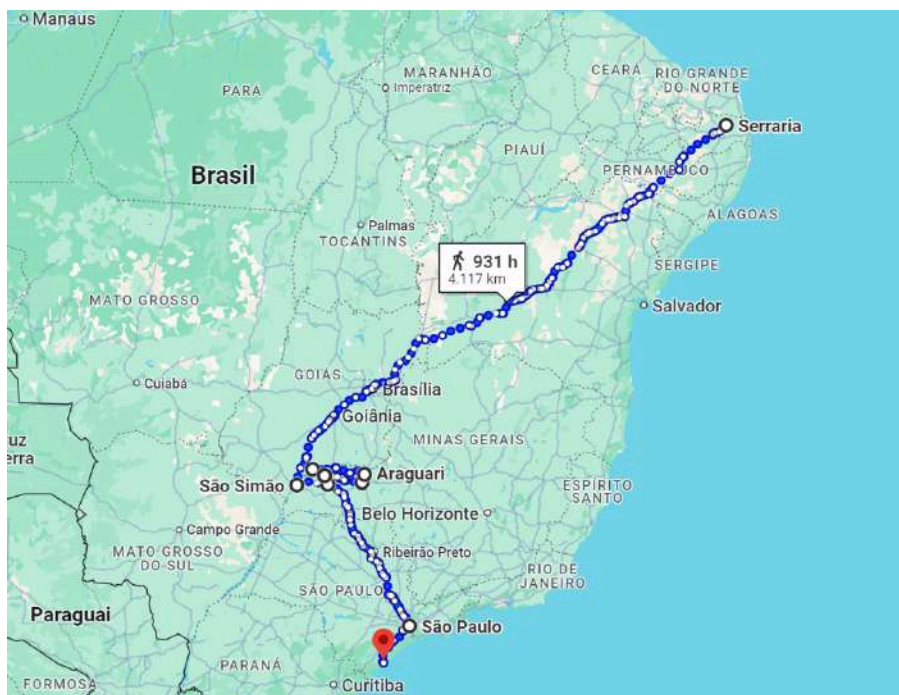
¹⁵ Arquitetura interiorana tradicional construídas com elementos biointerativos do ambiente, como as paredes de barro e o telhado feito de capim ou palha seca, como o próprio sapê.

¹⁶ Tópico 2.1.

¹⁷ Inaciolândia é um município do interior de Goiás, fundado como povoado ligado ao município de Itumbiara-GO em 1967 por José Inácio e José Rodrigues de Barros. Atualmente possui cerca de 6.000 habitantes, sendo minha família componentes dessa demografia. Temos referências de tios que habitavam a região desde sua fundação antes mesmo da década de 60.

Alguns parentes continuaram em Inaciolândia. Outros procurando outros refúgios continuaram o processo de migração. Alguns casaram-se e mudaram-se para Ituiutaba-MG, Uberlândia-MG, Capinópolis-MG, Araguari-MG, São Paulo-SP e atualmente, os núcleos do meu pai e tio João que vivem em São Paulo, migramos para Ilha Comprida-SP - um ponto de confluência entre minha família materna e paterna, se organizando uma outra comunidade da qual também faço parte. Desta forma, desenhamos um trajeto:

Figura 2 - Trajetos de migração



Fonte: Google Maps (2024)

Estas conexões formam caminhos de diáspora. Cada ligação sustenta um movimento de retomada endoetnográfica, o que significa que ao mergulharmos em nossas memórias diaspóricas, reescrevemos no tempo e no espaço nossos sonhos, vínculos e conectamos múltiplos pontos de contato com ciências ancestrais e de vínculo entre os ancestrais encarnados ou não. Ou seja, a família se ramifica, suas performatividades ramificam e sua prática também se ramifica. A partir dessas ramificações sobrevoamos pela história de uma família cabocla no coração dessa terra, nas pegadas espalhadas pelos terreiros de roça, pisando no rastro do outro através de uma ação endo-etnográfica na divisa feita pelo Rio

Paranaíba. Assim, o que não é visto, se faz presente e é lembrado nos gestos cotidianos que constroem futuros ancestrais.

2.1. Desafios e tensões - rumo às práticas performativas.

A princípio, saímos da maior cidade de Abya Yala¹⁸, São Paulo, para o triângulo mineiro. Tendo a lua como guia, crescem pensamentos que norteiam essa chegada, e compartilho alguns de meu diário de bordo:

“Estou em casa prestes a começar um projeto que veio do mundo dos sonhos. Dentro de algumas horas cruzaremos o estado com a lua crescente. Cruzar estados parece-me não somente cruzar linhas imaginárias, mas cruzar culturas, memórias e tempos. Quantos de nós não estão cruzando estados? Quantos de nós não estamos cruzados entre estados? Serão estados de vida, de performatividade, de perspectiva, de emoção, territórios-estados? ... [...] Tenho alguns desafios... Compartilho aqui minhas expectativas, “paranóias”, receios e o que me tem de coragem. Para cruzar trago as práticas performativas e a potência de intervenção no cotidiano enquanto um artista-primo-pesquisador-educador. Os hífen não são o suficiente para ligar as diversas camadas que sobressaem de minha performatividade nesta pesquisa. Não existe apenas uma dimensão. De certo modo, terei que assumir minha coragem e ser tudo o que me compõe. Serei e estarei por inteiro. Penso sobre qual o papel que um articulador cultural e pedagógico poderia assumir no meio familiar. Como se dá a participação, enunciação e envolvimento aos caboclos da roça - e seus descendentes que vivem nas cidades?

O que serei quando esta prática finalizar?

O que seremos?

O que posso ser?

O que podemos ser juntos?” (trecho de diário de bordo)

O convite de olhar para dentro e agir com a própria comunidade familiar revela espinhos em nossas gargantas, o que também nos convida a hackear nossas traquéias, regurgitar o que está instalado e não nos pertence, assim como engolir nós mesmos para continuarmos sãos. Penso se vamos conseguir ver os espinhos em nossos estômagos e intestinos. Tem aqueles que ainda estão na ponta da língua e ficam imperceptíveis. Agora quando um espinho está no centro do corpo, por onde tirá-lo?

¹⁸ Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América para os povos originários do continente. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>> Acesso em 10 jun. 2023.

Em casos cirúrgicos, é preciso programar uma equipe médica para hackear seu corpo e abri-lo ao meio. Sinto que tenho mais espinhos em meu centro do que na garganta. Aqueles que precisam de uma equipe para retirar, pois de tanto engolir, se instalou. Desinstalar espinhos requer ação, requer fluidos, facas, riscos, tecnologias de ressuscitação, observação, conhecimento, sangue.

As práticas performativas como sistema para estudarmos nossos espinhos e estrategiar seu contra-ataque ao exterior se apresenta enquanto modo de expressão para tal. Aqui a performance é a faca, o espinho é o vírus e nós nos colocamos como um tratamento hackeado. Nossas roças, são salas de biópsia. As covas que plantamos, nossos centros cirúrgicos.

Além dos espinhos individuais, quais são aqueles que compartilhamos? Ao compartilhar nossos sintomas, descobrimos que existem diferentes traíras instaladas em nós, mas que por sua característica de espécie, nos rasgam similarmente. Também há a solidariedade com a dor, e assim abraçamos dores que rasgam outras pessoas. O que nos liga é a dor ou o desejo em apartá-la?

“Como fabular o passado

Como fabular o presente

Como fabular o futuro

Tempo — memória — esquecimento — apagamento — identidade — acontecimento — comunidade

O tempo e a ausência de memória, um convite para criar futuros ancestrais.

—

SELVAGEM

Quem é selvagem?” (trecho de diário de bordo)

Pela similaridade, assimilação e mesmo diferenciação, nos juntamos para coralizar quem somos comunitariamente e quais águas alimentam nossas traíras.

Quando falamos em performance algumas palavras são comuns a escutar, como: presença, intervenção, rompimento, conexão, mistério, deboche, reação, ação, interação, relação, desempenho, etc. Considero encantador esse momento inicial de discussão sobre o que é a performance, pois percebemos que de alguma forma todos possuem no corpo as práticas e/ou conhecimentos em práticas performativas, principalmente àquelas populares que utilizam da rua e da coralidade para se manifestar, como temos a maior prática performativa a

céu aberto do mundo, o carnaval, mas mesmo em tantas outras formas que nos manifestamos performativamente tensionando tempos e espaços. Dentro do meu percurso enquanto educador e artista fico de frente com essa pergunta a todo instante, num estado de jogo referencial, num constante malabarismo conceitual, que é muito mais sobre a experiência de estar em jogo.

Certa vez as práticas performativas foram apresentadas pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio Bulhões Martins, do Departamento de Artes Cênicas da USP, meu orientador em pesquisas de Iniciação Científica e no Laboratório de Práticas Performativas da USP, a partir de 4 rios inter cruzados, sendo: 1- Performatividade, modos de ser e estar no mundo - O que performo e como performo?; 2- Performativo, a palavra que aciona; 3- Performatividades Culturais, tradições populares e étnicas como manifestação performativa; 4- Performance Arte ou Arte da Performance, ligada a linguagem artística elaborada pelos estudos da performance em Nova York.

Quando olhamos para os estudos da performance, nessa transformações da prática em linguagem artística ocidental norte-americanizada/européia em ascensão desde o século passado - num viés instrumentalizado - podemos cair em equívocos de que a performance arte é recente, mas ela é mais antiga que qualquer outra linguagem. Isto é evidenciado especialmente pelas práticas performativas culturais que revelam que a linguagem da ação é, antes da modernidade, a ancestralidade. Assim como orienta que antes da representação e programação, houve a ação.

A noção de performance responde às novas proposições estéticas, sugerindo uma forma de arte que escapa das normas e busca um envolvimento direto, quase visceral, com a realidade. (COHEN, 2002)

As práticas performativas nesta pesquisa

[...] se manifestam tanto nos núcleos que dão seguimento às práticas performativas da tradição de um grupo social – Performances Culturais – quanto nas ações que unem ativismo e arte, criando imagens subversivas, transgressoras, contra-hegemônicas, que questionam os estereótipos de comportamento, gênero, classe e raça, e criticam as relações de poder ou inventam novas relações e partilhas entre artistas e público (MARTINS, M. A.B. et al, 2021)

Deste modo, os programas performativos, embasados em estudos de Eleonora Fabião,

foram escritos de forma a serem motores da experimentação, buscando estabelecer um enunciado que norteie, mova e possibilite a experiência, contendo em si as ordens das ações, temporalidades e regras - se necessárias.

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. O Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hannah Arendt, programas são iniciativas. (FABIÃO, 2013)

Do mesmo modo que Fabião acrescenta que

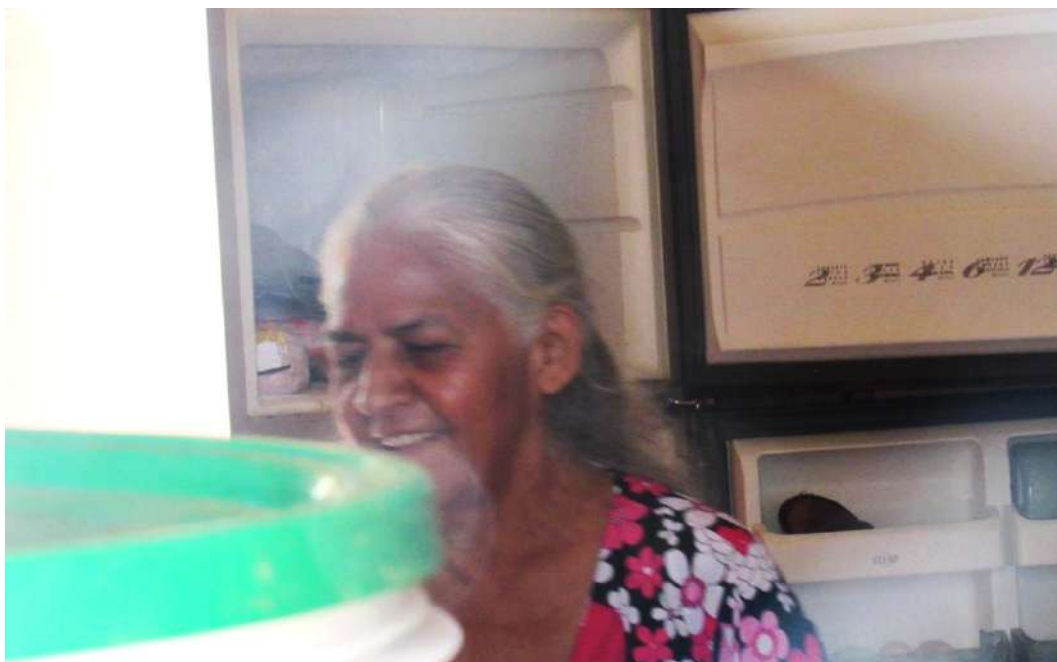
Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. [...] É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. (FABIÃO, 2013)

Para a elaboração destes procedimentos performativos, foi necessário de início adentrar no cotidiano de cada casa, atualizando histórias e então, estruturando enunciados performativos que levaram à criação dos programas. Logo, estruturou-se pela observação, vivência e criação de jogo, num diálogo com a própria rotina do dia-a-dia. Desta forma, com as práticas artísticas e pedagógicas busco aqui o participante ativo em sua própria história e sua transfluência por meio da estética performativa. "Se quisermos entender como e por que as pessoas fazem o que fazem, precisamos estudar o que elas fazem e como fazem" (SCHECHNER, 2013).

2. CAPÍTULO 1: NA LUA CRESCENTE SEMEAMOS ANCESTRALIDADE

Diante dos laços que se fortalecem a cada encontro, este capítulo surge como uma sustentação dos vínculos que criamos ao nos propor a aprendermos juntos. Costuramos a identidade com a etnogênese, a migração e diáspora que movimenta nossos modos de ser e estar no mundo. Inicialmente, para adentrar nas roças dos caboclos, entramos na roça de minha tia Divina.

Figura 3 - Tia Divina



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Minha tia hoje possui uma saúde mais debilitada que a impede de viver no roçado para viver na cidade, mas mesmo assim vive escapando com meu tio Zezinho para a roça - que também hoje vive mais debilitado. Sabendo que íamos passar em sua casa e sabendo do meu interesse em ir em sua roça, logo já combinamos de nos encontrar, assim como sabíamos como poderíamos contribuir com seu espaço: conosco, era possível ter ajuda para realizar as tarefas do seu cotidiano. O trabalho entre nós se estrutura como um símbolo de envolvimento com o ambiente, compreendido como forma justa de oferta ao pousar em uma roça e ele foi o caminho para a estruturação do nosso programa performativo:

Onde formos trabalhar, minha tia contará histórias sobre seu envolvimento na roça, na ancestralidade e na aprendizagem em família. Em cada ponto de trabalho, uma história. Antes de sair para o próximo ponto amarrar a história com a linha em algum tronco. No fim, enrolar-se na linha comigo e registrarmos em uma foto.

A ideia desse programa está mais para revelar histórias contadas entre gerações nesse ambiente, valorizando as paisagens do cerrado, e evidenciando o laço familiar fortalecido pela troca de narrações, lembranças do passado e expectativas do futuro. Mas antes de acionar esse

programa fui convocado pelo meu tio para aplicar remédio num bezerro recém-nascido. Com seu enunciado, entro na dinâmica.

Eles já haviam comentado que um bezerro acabara de nascer naquela semana e teríamos que aplicar um bactericida em seu umbigo. Meu tio me orientou: *primeiro traga o bezerro para um canteiro separado*. E assim fui atrás da cria que corria para todo o lado com medo da presença humana. Aprendi que é necessário circundar e ter uma malemolência para que diante do seu movimento ele se movimente a favor do que você quer. E assim o fiz e consegui levá-lo para o espaço. Lá meu tio estava com um laço preparado na mão e mesmo sem mobilidade jogou sobre o bezerro e laçou seu pescoço com a destreza de quem sempre o fez. Entretanto, ele não tinha força para trazer o bezerro, então eu o fiz. Meu tio preparou outra corda e passou pela cintura do agitado bezerro. Com uma palavra e uma simples puxada ele ordenou: *CAIA*. E ele, curiosamente, caiu sem nenhuma resistência. Então amarrou suas pernas e me deu outra corda para segurar. Nesse momento observava, mas com as duas mãos mantendo as cordas arriadas e o bezerro paralisado no chão. Ele aplicou o bactericida e vimos as larvas saindo do umbigo. O *bezerro azarento* (como meu tio anuncia) estava com seu remédio e podia seguir de volta para sua mãe.

Desamarrei os nós sem nem mesmo saber como amarrá-los, apenas por ter acompanhado o enlaçar de cada um deles. E assim aprendi a tratar, laçar, circundar um pequeno bezerro. Voltando para minha tia, contei para ela o que aprendi e ela sorriu como sendo um básico conhecimento para sua experiência, mas grande e significativo aprendizado para mim. Depois seguimos para nossa prática.

Com um fio encerado, sua muleta e nossos microfones adentramos a seca roça com as histórias. Suas histórias revelam como a ancestralidade é transmitida pelo gesto de plantar e pelo ato de contar, semeando memória em cada pedaço de terra. A roça para ela significa sua experiência de vida, mas enfatiza a falta de condição para o trabalho. *Roça é trabalho*. Sem uma comunidade familiar ao entorno fica difícil sobreviver sozinha. Assim como conta que seu aprendizado na roça foi parte do cotidiano, a partir da observação participativa, e que hoje, nas gerações mais novas, o desejo pelo roçado tem sido cada vez mais difícil de plantar.

Como foi com seus filhos e neto?, pergunto. *O desejo de ir pra roça não está aflorado*, ela responde. É preciso se interessar pela roça para poder aprender com ela. Como cultivar o interesse nas práticas do roçado entre a comunidade familiar?

Essa reflexão me trouxe a necessidade de falar sobre comunidade e como sozinho não conseguimos, mas se estivermos juntos (como ali estávamos) podíamos unir forças e sustentar

mundos que nos nutrem. Afinal, a roça também é construída em comunidade e relação. Ninguém conseguiria ter uma roça sozinho, ainda mais numa idade avançada. Semear a ancestralidade, então, é um ato coletivo. Assim como a participação na própria seara ancestral.

Com o diálogo, nos lançamos com nossa própria memória semeada em território fértil. O desenrolar do fio nos enrolou. Agora também éramos um ponto na história e tínhamos nosso papel duo de viver e segurar o mundo de nossa memória. Nessa prática também costuramos os vínculos que alavancaram o transfluir das histórias e lembranças como práticas fundamentais entre gerações.

Essa prática, como as que serão narradas nos próximos capítulos, são ligadas por fios que carregam-nos entre os sonhos e as histórias que compõem esse arquivo. Por isso, acredito ser importante contextualizar os temas que circulam a identidade cabocla e seu espaço de aprendizagem

Figura 4 - Laços entre tia e sobrinho



Fonte: Acervo pessoal (2024)

2.1. CABOCLOS - MIGRAÇÕES, DIÁSPORAS E ETNOGÊNESE

Diásporas: essas movimentações indígenas forçadas pelas invasões europeias neste território [...] que afastam pessoas indígenas de núcleos, coletivos e aldeias, jogando-as geralmente para cidades e muitas outras diversas e desconhecidas direções. [...] As vozes dessas pessoas demarcam, também, a força que existe no acordar desse coma colonial, reivindicando o direito ancestral que temos à nossa retomada de identidades. [...] Nos lembra a história e demarca as muitas formas de ser e estar indígena nesse tempo de agora. (UYRA, 2022)¹⁹

Ao contextualizar estas dimensões fundamentais, é requerido inicialmente evidenciar o processo histórico que provoca a ação de retomada indígena no território brasileiro: a *etnogênese*²⁰ - termo que popularizou-se em meio aos antropólogos no século XX por sua característica emergente como resistência contra-colonial. Esse termo aprofundou, contudo, compreensões antropológicas conectadas à ressignificação da presença e ausência indígena - e de seus descendentes - em áreas urbanas e do campo no período da “modernidade”, visto o movimento de reorganização de comunidades étnicas apagadas pela narrativa colonial. Esse movimento também é reação ao processo massivo de migração nordestina - incluindo uma grande população indígena - para o sudeste brasileiro no século XIX e XX, os quais deram popularidade ao imaginário de “retomada indígena”. Em reverberação, no século XXI, esse movimento traz seus desdobramentos com os demais descendentes - especialmente periféricos/marginalizados - reivindicando a retomada de seus pertencimentos étnicos e territoriais, apontando para uma identidade indígena em diáspora - movimento o qual estou inserido e busco mobilizar em meu âmbito familiar. Isto diz respeito ao contexto histórico do qual partilhamos enquanto família ascendente a este movimento.

Dentre a multiplicidade de eventos desencadeados por este movimento, tivemos o estabelecimento de uma cultura cabocla sertaneja, ascendente indígena, a qual costurou especialmente percepções sobre a própria família e suas práticas, conservando entre nós ainda uma memória diaspórica indígena. Todavia, ao mesmo tempo em que as próximas gerações

¹⁹ Apresentação de Uýra sobre “AQUI ESTAMOS”, primeira exposição a abordar a diáspora indígena no Brasil, a qual contém um relato e um retrato da história de minha família. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C-k9ZT5ucMs>>. Acesso em 20 Jun. 2024.

²⁰ Movimento dinâmico e histórico de “retomada”, “ressurgência”, “emergência” territorial e étnica de grupos familiares caboclos que a partir da autodeclaração étnica, ocupação dos territórios ancestrais, retomada histórica e antropológica, reorganizam-se comunitariamente nos territórios ancestrais e reivindicam seus direitos originários.

surtem, é perceptível o distanciamento da própria prática das memórias e da consciência do ser caboclo. Por isso, ao sair da roça e migrar para as cidades, distanciam-se da oralidade e vivência que compõem o pertencimento a estes modos de existência - em espelhamento ao próprio afastamento étnico pelas migrações. Desta forma, olharemos o caboclo aqui através da perspectiva de que

Existem pelo menos duas etimologias diferentes para a palavra caboclo. Costa Pereira (1975:12) cita Teodoro da Silva, que afirma que caboclo deriva do tupi *caa-boc*, que quer dizer “o que vem da floresta”. Parker (1985a: xix) sugere outra etimologia, encontrada no Dicionário de Aurélio B. Ferreira (Ferreira, 1971). Ferreira sugere que o nome vem da palavra tupi *kari'boka*, que significa “filho do homem branco”. Ambas as etimologias são especulativas, mas na minha opinião a primeira tem mais probabilidade de estar correta. (LIMA, 1999)

Perante à construção e emprego da categoria de heteroidentificação “*caboclo*” - classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe - no Brasil, temos seu primeiro aparecimento demográfico no censo realizado no ano de 1872. Este censo considera somente pessoas reconhecidas indígenas com seus pertencimentos étnicos enquanto caboclo, ou seja, a primeira aparição estatística do “caboclo” era por si, indígena. Todavia, com o censo de 1890, após abolição da escravização no Brasil, a categoria inclui não somente indígenas, mas também os seus descendentes em uniões com ex-escravizados, fossem estes “pretos” ou “pardos”, e suas categorias de *mameluco*, *cafuzo* e *mulato*, *mestiço*. Posteriormente no censo de 1940 todos os mestiços (e inclusive os próprios indígenas) foram contabilizados enquanto “pardos” (OLIVEIRA, 1997). Desde então os caboclos - incluindo as categorias citadas acima, os afrodescendentes e os próprios indígenas - encontram-se sob a tutela equivocada do termo e suas considerações homogeneizantes sob o mito da democracia racial que apaga toda história não-hegemônica e distancia os indivíduos de seus pertencimentos ancestrais.

Nas próprias certidões, uma família indígena torna-se cabocla e depois é assimilada ao pardo. No caso da minha família, aqueles que estão mais inseridos na prática do roçado possuem a identidade cabocla mais próxima, enquanto há a assimilação ao pardo daqueles vivem nas zonas mais urbanas, como categoria de mestiços pardos de ancestralidade indígena, porém, cada vez mais distante da mesma. Todavia, todos estamos certificados nos documentos de registro como “pardos”. Hoje o pardo liga-se ao imaginário enquanto o ser brasileiro, ser

mestiço, ser macunaímas - assimilações ao mito da democracia racial. Portanto, o pardo ganha força através do distanciamento do território e cultura.

Vale ressaltar que a empregabilidade do termo pardo também tem seu primeiro aparecimento na história do Brasil em 1500 com Pero Vaz Caminha referindo-se aos indígenas, descrevendo-os para o Rei Dom Manuel I os povos indígenas pelo olhar do colonizador, “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas” (CAMINHA, 1500).

Essa mesma citação, também evidencia o olhar de selvageria que permeia até a atualidade, mais de 500 anos após, o imaginário do *índio*, consequentemente de seus descendentes, os caboclos selvagens, brutos, caipiras, rústicos, necessitados de civilidade. Estereótipos que neste caso não são apenas ligados com xenofobia, mas como manutenção racista das performatividades indígenas perante a visão do colonizador - o primitivo.

É importante observar que ao se referir aos nativos, Pero Vaz de Caminha reconhece que a relação daquele povo com os elementos da natureza, ou seja, com o seu território, os permite uma condição de vida invejável diante da condição dos recém-chegados colonizadores. Isso demonstra, seguramente, que os colonizadores, ao acusarem esse povo de improdutivo e atrasado, estavam querendo refletir naquele povo a sua própria imagem. (BISPO, 2015)

Na perspectiva de categoria relacional, o “caboclo” identifica pessoas que encontram-se em níveis sociais considerados inferiores em relação à construção do “outro” e suas características dentro de uma comunidade com essa classificação. Essa relação é um fato social presente no contexto desse projeto, onde o ser caboclo está no seu modo de existência e reconhecimento pela comunidade.

Os parâmetros utilizados nessa classificação coloquial incluem as qualidades rurais, descendência indígena e “não civilizada” (ou seja, analfabeta e rústica), que contrastam com as qualidades urbana, branca e civilizada. Como categoria relacional, não há um grupo fixo identificado como caboclos. O termo pode ser aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica em relação ao locutor ou à locutora. Nesse sentido, a utilização do termo é também um meio de o locutor ou a locutora afirmar sua identidade? (LIMA, 1999)

Ademais, após as ações de etnogêneses nas regiões do Nordeste e Norte pelos grupos de famílias caboclas que reivindicavam seus direitos enquanto indígenas, temos caminhos que

nos levam à construção de uma “retomada indígena” - hoje também relacionada à identidade indígena diaspórica.

Todavia, os grupos de famílias “caboclas” hoje assumem essa menção como apropriação contra-colonial ao termo, sendo valorizada sua história de cabocagem indígena. Assim, temos três perspectivas ao ser caboclo: aqueles que compreendem ser caboclo como forma de se relacionar/viver (Relacional); aqueles que se autodeclaram caboclos por suas descendências originárias (Conceitual); e aqueles que assumem a si inteiramente como caboclos indígenas (Etnogênese). Visto isso, observa-se que a presença desta pesquisa no meu núcleo familiar presta-se como suporte de memórias que acionam movimentos à valorização de sua *cabocagem*, e para além o movimento em relação ao seu pertencimento, abordando o encontro de três perspectivas sobre imaginários da identidade.

Por isso, dentro do cotidiano do roçado, com a presença do elo mais longínquo com o passado, temos o ensino-aprendizagem pela oralidade e cultura cabocla como motor de movimento em relação à ancestralidade, podendo dinamizar, através da linguagem das práticas performativas, a manutenção da mesma.

Um intelectual, na tradição indígena, não tem tantas responsabilidades institucionais, assim tão diversas, mas ele tem uma responsabilidade permanente que é estar no meio do seu povo, narrando a sua história, com seu grupo, suas famílias, os clãs, o sentido permanente dessa herança cultural. (KRENAK, 1992)

Do mesmo modo, por estarmos localizados no bioma do Cerrado, esse processo criativo e pedagógico, auxilia não somente esses grupos na elaboração coletiva de sua memória originária, mas também na preservação e manuseio eco-sustentável do meio-ambiente desse território-identidade. Vale ressaltar que o Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, sendo considerado, pelo ponto de vista biológico, como a savana mais rica do mundo. Entretanto, o bioma é também o segundo mais modificado pela ocupação humana. Nas três últimas décadas, o Cerrado vem sendo degradado pela expansão do agronegócio, com o esgotamento dos recursos naturais da região em detrimento da monocultura e agropecuária (KLINK; MACHADO, 2005). Essas práticas rodeiam a vila de Inaciolândia, causando a apropriação das terras de cultura familiar agrícola, e o êxodo do roçado em direção às vilas e cidades - onde inevitavelmente, temos discursos a favor do agronegócio em detrimento do valor econômico que agrega na locação das terras dessas

famílias.

Dessa maneira, a valorização da produção de agricultura familiar em meio caboclo e a manutenção de sua cultura no roçado amplia considerações para uma pluricultura presente em seus modos, contribuindo pela preservação do bioma que guarda algumas das maiores bacias hidrográficas do Brasil.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de biointeragirmos com todos os elementos do universo de forma integrada, a ponto de superarmos os processos expropriatórios do desenvolvimentismo colonizador e o caráter falacioso dos processos de sintetização e reciclagem do desenvolvimentismo (in)sustentável, pelo processo de reedição dos recursos naturais pela lógica da biointeração. (BISPO, 2015)

2.2. A ROÇA COMO PEDAGOGIA DA CABOCAGEM

Como aprendemos a *biointeragir*?

Os mestres do brotar nos plantam em ciência. Perante a família e a comunidade em que se organiza para que as novas gerações aprendam a enraizar, cultivar e colher a fartura proveniente de sua ciência, a família manifesta uma pedagogia da cabocagem que conta com a roça enquanto espaço comunitário do saber. A aprendizagem mútua e transgeracional se localiza no compartilhamento das ciências da natureza e de interação com a mesma, fortalecendo laços com as ciências herdadas pelos nossos ancestrais que num movimento dinâmico com o tempo se atualiza com a contemporaneidade - seja no campo ou mesmo na cidade. O conhecimento liga-se a uma rede familiar de transfluência do saber, de valores e de práticas culturais de uma geração à outra, reforçando laços identitários e de pertencimento. A culinária, as histórias, as celebrações e as reuniões familiares rondam a composição cultural que se envolve nesta comunidade. Esse processo se dá principalmente pela oralidade, pelas práticas cotidianas e pela observação direta - muitas vezes aprendemos sem receber uma única instrução, mas pela ativação do participante na ação como prática de experimentação. Os troncos-velhos nesta premissa são valorizados pelo seu saber, sua experiência que percorre quase um século de aprendizados, e sua importância na manutenção da nossa dinâmica com a natureza e o tempo.

Não somente os tronco-velhos são inseridos como transfluêntes das memórias-ciências, de modo em que o território também se insere como portador de ciência.

No processo de aprendizagem mútua com o território os elementos da natureza, a fauna e a flora interagem como educadores a partir da observação direta e abertura dos sentidos ao ambiente. Portanto, o conhecimento dos mais velhos é valorizado por terem os sentidos mais aguçados para essa conversa.

Trago um momento com meu tio Agostinho na sua roça em Inaciolândia, o qual ao ensinar a plantar ramas de mandioca, tocou no assunto da seca em que se encontrava o território, com mais de 4 meses sem chuva e com previsão de mais 4 meses sem, e como se relacionar com a água que mora abaixo da terra. Nosso programa performativo foi proposto pelo mesmo:

Ensinar o sobrinho a plantar ramas de mandioca pela manhã. Durante o processo de ensino, contar memórias em que viveu esta experiência com seu pai e tios.

Primeiro o observei abrir as primeiras covas. Recebi minha enxada e a partir desta memória fui praticando o roçado para as ramas serem plantadas. De começo não acertava a profundidade, e ele me falava: *infinca e puxa, infinca e puxa, infinca e puxa*. A partir do pulso e sua intensidade, a prática se desenvolveu. Fomos cortar as ramas e ele ensinava sobre o tamanho aproximado para que elas pudessem criar mais ramificações. De cova em cova, íamos colocando cada rama, e aquelas que pareciam ser mais fracas, colocamos duas ou três. Tapamos as covas, mas agora com o pulso: *puxa e, puxa e, puxa e, puxa e*.

Figura 5 - Covas, ramas e plantação





Fonte: Acervo pessoal (2024)

O que envolveu o programa performativo com uma nova poética com suas orientações:

Ensinar o sobrinho o “infinca e puxa, infinca e puxa, infinca e puxa” para abrir as covas. Cortar as ramas com a destreza de suas ramificações. De cova em cova, colocar as ramas. Tapar as covas no pulso do “puxa e, puxa e, puxa e”. Durante esse processo de ensino, contar memórias em que viveu esta experiência com seu pai e tios.

Enquanto plantamos, memórias foram desenrolando. Ao regar a terra seca nós falamos sobre a falta de água diante do sonho da fartura, e que a resistência da água estava nos lençóis freáticos que meu tio apresenta como *água encantada* - elemento sagrado.

Até então nunca havia escutado essa história, uma que envolve sua infância. Diz que seu pai, meu avô, encontrava pontos no chão para cavar poços com estratégias encantadas que trouxe do Norte - como ele e outros mais velhos chamam o Nordeste. Ao abrir o poço ensinou que essa água é encantada e que ela conhece nossas intenções, com ela não se deve brincar ou pensar qualquer maldade, pois é uma aliada a nossa sobrevivência. Ela tem ouvidos e não podemos falar coisa ruim para ela, pois ela desaparece e não retorna para quem assim fizer. Uma vez, ele abriu um poço para um vizinho e o alertou sobre a existência da encantaria, mas o mesmo não escudou e disse todos os palavrões existentes da região. Ela se foi e sua terra rachou com a seca. Ele nunca retornou a vê-la.

Figura 6 - A água encantada



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Assim como ensina a nos relacionar com a *água encantada*, ressalta a importância de aprender com o território e as forças que nele habitam. Em vez de depender de livros ou de uma sala de aula formal, a aprendizagem ocorre na própria biointeração com os territórios de prática e com a comunidade familiar, onde os mais velhos compartilham histórias, ensinamentos práticos, rezas - ou simpatias - e formas de existir no mundo. Esse tipo de ensino inclui atividades como pesca, preparo de alimentos, conhecimento de plantas medicinais e construção de objetos artesanais constituintes de seu modo de existir no mundo, sempre numa pesquisa *in loco*, não terceirizada. Para aprender é preciso querer, é preciso roçar, é preciso ouvir com os ouvidos, olhos e mãos.

Celebrações, reuniões ou mesmo visitas cotidianas de familiares a roças de outros parentes também desempenham um papel importante na aprendizagem transgeracional, oferecendo contextos em que os mais jovens presenciam e participam das aprendizagens, integrem entre tios, primos, avós, bisavós, absorvendo valores e saberes de forma participativa. Nestes encontros costumamos relembrar histórias, assombrações, fabulações e contos que rondam nossa interação com as localidades em que já estivemos e as que hoje estamos. As histórias, além de entreter, trazem lições e orientações para enfrentar desafios futuros, transfluindo ética, espiritualidade e visões de mundo de nossa cabocagem.

Ao longo desse processo, portanto, a presença e a autoridade dos mais velhos se tornam fundamentais, pois são eles os guardiões da memória e do conhecimento comunitário. É uma forma de educação que fortalece a coletividade e oferece uma resposta resistente à educação ocidental, proporcionando a reescritura de conhecimentos e modos de vida que conectam cada geração à sua cultura e ancestralidade no tempo e espaço.

Assim, a pedagogia da cabocagem é uma abordagem de educação enraizada nestes saberes, práticas e cosmovisões indígenas e caboclos, mas que também conflui com outros povos tradicionais como quilombolas, caiçaras, ribeirinhos e ciganos. Essa pedagogia valoriza o conhecimento tradicional que passa por esta movimentação dinâmica entre o presente e passado, com sua perspectiva crítica aflorada para sua prática cotidiana, e a relevância de seu saber - o qual muitas vezes se opõe ou levanta alternativas à educação formal hegemônica.

Desse modo, essa abordagem nutre a aprendizagem por meio da experiência direta com a natureza e com o território, promovendo um vínculo profundo com o ambiente e com a comunidade. Ela parte de uma ética de cuidado com a terra, integração dos mais velhos nas práticas cotidianas e pelo saber comunitário, e acredita no aprendizado compartilhado e coletivo. Em vez de um método linear, hierárquico e padronizado, esse tipo de pedagogia se

organiza perante o modo de existência e participação na comunidade familiar. Oliveira (2020) enfatiza que a cabocagem, como um movimento cultural, não se limita apenas a práticas de resistência, mas também propõe uma maneira própria de educar, que transita entre o formal e o informal, o ancestral e o contemporâneo.

A pedagogia da cabocagem, portanto, não se limita a um ensino formal ou acadêmico, mas é essencialmente uma prática que se articula com os saberes e vivências do povo, sendo um ato de resistência contra a educação formal que desconsidera as histórias e os saberes locais. Ela revaloriza as práticas culturais como metodologias de ensino, vinculando o saber tradicional à contemporaneidade." (OLIVEIRA, 2020)

A pedagogia da cabocagem é, antes de tudo, um gesto de resistência, uma prática que mantém vivas as ciências ancestrais e saberes contemporâneos em um mundo que, cada vez mais, tenta apagar ou assimilar esses conhecimentos. Em um cenário onde a agropecuária predatória e a urbanização ameaçam as formas de vida tradicionais, essa pedagogia se reafirma como uma alternativa válida, não apenas na preservação da memória, mas na atualização e reinvenção desses saberes. Ela é capaz de se adaptar às novas realidades, conectando-se com o presente e o futuro, sem perder sua essência de participação ecossistêmica com os biomas que confluem. É por isso que a pedagogia cabocla não é um ato de nostalgia, mas de reinvenção da vida, onde as práticas de ontem se tornam o chão fértil para o amanhã.

A *educação enraizada* que a cabocagem aqui propõe não se limita a um conhecimento que "vem de fora" e é imposto de forma hierárquica, mas sim a uma sabedoria que "brota da terra", cultivada e nutrida pela vivência cotidiana, pela troca intergeracional e pelo vínculo profundo com o território.

Ao contrário da educação formal, muitas vezes distante da realidade de quem a recebe, a educação cabocla fortalece a autonomia e a participação coletiva, porque permite que o seu filho seja também o resultado constante de sua prática, que ele faça parte do ecossistema de saberes e práticas que constrói e reconstrói a comunidade ao seu redor. Ao aprender com a terra, com os mais velhos e com os ritmos naturais, o filho da roça torna-se não apenas um conhecedor, mas também um guardião da memória, da cultura e da vida em comunidade.

3. CAPÍTULO 2: NA LUA CRESCENTE ROMPEMOS O CONCRETO

Ao romper o concreto, ressaltamos as raízes que sustentam nossa ancestralidade, criando fissuras no asfalto da modernidade e permitindo que memórias e práticas caboclas floresçam. No coração das famílias, onde as memórias se entrelaçam com os gestos cotidianos, surge uma ciência ancestral, sutil e poderosa. Deste modo, este capítulo cria um percurso com histórias de práticas de cura que atravessam gerações, com as garrafadas, os chás, os benzimentos e todos os saberes que permeiam a saúde em nossas famílias. O conhecimento dessas práticas circula de forma invisível, mas firme, entre roças e cidades, passando de mãos em mãos, de avós para netos, de pais para filhos.

Este capítulo é, portanto, uma jornada pelo poder das plantas, pelos gestos de cura que passam de geração em geração, pelos encantamentos e sabedorias que desafiam o concreto e nos conectam ao que há de mais primordial em nosso ser. Deste modo, buscamos romper o concreto, estas barreiras físicas e simbólicas que distanciam as práticas familiares de suas raízes ancestrais e da terra, assim como visitar saberes que, embora muitas vezes invisíveis, pulsam de forma viva dentro de nós.

Primeiramente, falando da raiz deste saber na roça, trago uma visita à minha tia Fiinha em sua roça *Venha-Venha* em Inaciolândia-GO. Minha tia nasceu, cresceu e até os dias de hoje vive integralmente na roça. É também fonte de histórias que conectam com sua experiência de vida com seus ancestrais, criando um repertório único na arte da cura e do cultivo. A sua prática de roçado no território é anterior à própria formação da vila de Inaciolândia, abrigando meu pai e tios em suas infâncias, o que também liga sua memória à própria formação do município e suas mudanças até a atualidade, sendo totalmente especulado pela indústria da cana.

Ao contar a história - ligada a minha família por parte da avó paterna que migrou do triângulo mineiro para o lado de Goiás -, ela comentou que a primeira pessoa da família a vir para este território foi um tio dela, no final da década de 40. Ela comenta que chegou naquelas matas com 8 anos de idade, em 62. Disse que todo o entorno era cerrado, onde hoje vemos a cana. *A cana que mata o cerrado e chupa toda água do solo e impregna o ar com sua queima.*

Ela me conta sobre os ancestrais, aqueles que lhe ensinaram tudo. Como ela mesma disse “*eles eram do mato, assim como eu*”. Comenta sobre a lua e sua participação ativa no cotidiano. *O que se produz abaixo da terra, deverá plantar em lua minguante: raízes, tubérculos. O que se produz no ar, deverá plantar em lua nova: urucum, bucha.*

Figura 7 - Tia Fiinha



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Também nos fala sobre o benzimento e como a prática tem ficado no passado. Me ensina uma reza com arruda para tirar o peso das costas e orienta que dizer que está com mau olhado, mais o atrai. Comento sobre a prática de meu avô e seus benzimentos com mamona, ela diz que “*a folha da mamona serve também para tirar quebranto, tudo que é de ruim que lhe cobre, uma folha sagrada*”. Os velhos estão indo com seus conhecimentos e os mais novos estão perdendo a fé e o interesse nas práticas espirituais mais populares.

Diz que muitos a chamam de rica por ter água no córgo *Venha-Venha*, mas comenta que todos vão ficar sem água por desmatar as nascentes, assim como coloca que a natureza tem que ser respeitada para que nós sobrevivamos - a água é riqueza, e só é possível tê-la pela mata que lhe protege, por isso luta para preservar seu córgo e sua mata ciliar.

Em meio a essa conversa, meu tio relata a necessidade de remédio para a diabetes de sua esposa, tia Neuza. Ela orientou-o a fazer um remédio com o umbigo da bananeira, e lá fomos colher acompanhados de seu neto que cavalgava entre as roças de seu pai e sua avó. Ao levarmos o umbigo à minha tia, ela nos orienta as luas (períodos) em que se deve fazer o tratamento, seguindo as memórias de cura que vivenciou com nossos ancestrais. A transfluência do saber e o cuidado entre os troncos-velhos alavanca a constante aprendizagem diante de nós, gerações mais novas dessa comunidade, e enfatiza a participação da lua, da colheita e o combate a doenças que rondam o cotidiano.

Seu neto volta a cavalgar pelas redondezas ajudando o pai nas tarefas da roça. Diz que ele sempre teve o interesse pela roça por nunca ter se encantado pela vida na cidade, mesmo em sua primeira infância. Seu interesse pelas práticas do roçado surgem em detrimento do desencantamento pelo concreto. Vó, sobrinho, filho e neto, nascidos e criados na roça, e como ela mesma diz, nenhum quer ir para a cidade, querem viver livres no mato. A cidade, ela comenta, é sinônimo de cerco, de privação, de fervo. São membros da comunidade familiar que anunciam que ao pisarem na cidade caem doentes. A doença do cerco de pedra. Como desencantar o concreto pelo encantamento dos saberes?

Ao contrário de minha tia e seu núcleo na roça, existem aqueles que no cerco de pedra rompem os concretos para que continuem brotando os saberes das práticas do roçado. Em Minas há uma maior concentração de parentes em contexto urbano, mas que tiveram grande parte da vida ou a infância em contexto do roçado. Deste modo, olharemos para as rachaduras nos concretos causadas pela ciência dos caboclos em meio urbano, seus conhecimentos sobre a própria história, memória e resistência das práticas aprendidas no roçado. O concreto que buscamos romper não é apenas físico, é também simbólico. Ele representa as barreiras que afastam as novas gerações de suas raízes, mas que podem ser rachadas pela força da memória e da preservação dos saberes do roçado nos cotidianos.

Deste modo, para abrirmos nossa roça, quebramos concretos com Euripa e Ricardo, que mesmo nas cidades continuam manifestando os aprendizados passados de geração em geração que curam nossas feridas e manifestam o constante aprendizado que enraíza nas roças de nossa comunidade.

Figura 8 - Ao sair do Venha-Venha



Fonte: Acervo pessoal (2024)

3.1. APRENDIZAGEM E CURA: heranças do saber

Apresento minha tia Euripa como uma das onças-mestras dentro da família na arte de curar com as medicinas da natureza, que teve como seu mestre o seu pai. Depois que saíram da roça e foram para a cidade de Ituiutaba, com o passar do tempo, meu avô foi ficando cada vez mais debilitado até ir morar no quintal de minha tia. Lá sua casinha é a mesma há muitos anos, poucas coisas modificadas. Um retrato do passado. Entre as duas casas está um quintal que aqui será enfocado enquanto terreno de construção do conhecimento entre gerações. O quintal-roça como manifestação cultural e artística da resistência do conhecimento no meio urbano.

Figura 9 - Tia Euripa, Tio Manoel, Lucas e Lucas



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Durante minha ida à Ituiutaba - cidade onde meu pai foi registrado -, no breu da rodovia, eu e Igor conversamos sobre as personalidades da família, suas especificações e como gerar programas performativos e pedagógicos de acordo com esses repertórios que eu já conhecia enquanto primo/sobrinho, desafios e tensionamentos que se imbricam nessa jornada²¹. Compartilho minha memória: lá eu chegava na casa dos meus tios e pedia benção. *Benção tia, tio. Oi prima. Oi primo.* E sem parar, descia pelo jardim de minha tia, sobre o chão de terra do quintal-roça até uma casa dos fundos. Lá eu encontrava meu avô às vezes sentado em sua porta olhando o jardim, ora deitado em sua cama. *Benção vô* e ele sorria para mim, *bença meu fio*. Todo ano se repetia. Em 2012, um ano antes de seu falecimento, fiz isso pela última vez. Neste mesmo ano, por ver minha curiosidade enquanto criança que dedilhava seu cavaquinho e tentava ler com os dedos as pedras brilhantes que o decoram, me deu de presente e pediu que fosse dele guardião. Para Ituiutaba viajamos mais uma vez, desta vez, com o cavaquinho brilhando no retrovisor.

Quando chegamos na casa de minha tia já era tarde da noite. *Bença tia, tio.* Fomos dormir com o cansaço do dia e a memória da noite. Adriana, minha prima filha de tia Euripa, aparece junto do sol, meu tio Manoel - gêmeo do meu pai - também. Entre conversas sobre espiritualidade e ligação com aqueles que se foram eu os anuncio o seguinte: *eu quero ver o meu avô*. Ele está enterrado no cemitério da cidade e proponho de irmos juntos acender uma vela e rezarmos para seu espírito. Minha tia rapidamente complementa: *então, iremos lavar seu túmulo*.

Desta forma, toma-se estrutura o primeiro programa a ser realizado no cemitério de Ituiutaba:

No raiar do dia, subir em família ao cemitério em direção ao túmulo de nosso avô/pai. Pedir licença ao entrar no espaço. Neste trajeto, compartilhamos o que somos em morte, o que significa cuidar dos que já partiram e o esquecimento. Lavar o túmulo com água e sabão. Colocar flores na esquerda e direita, e acender uma vela. Ao acender, rezar um pai nosso e dois ave Maria.

²¹ Tópico 1.1.

Figura 10 - Limpeza do túmulo em Ituiutaba



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Em seguida deixamos minha tia em casa e seguimos para o Salto da Prata com minha prima Adriana. Nesse trajeto ela apontou para uma serra ao lado de Ituiutaba e contou que lá morava um *corpo seco*, um espírito ruim de um homem que era muito agressivo e conhecido por sua ruindade. Ao morrer, continuava a sair com seu corpo seco e para evitar sua agressividade o levaram até essa serra. Isso trouxe um outro assunto, o que fazer antes de entrar na mata? Adriana explica sua relação com a espiritualidade, uma protegida de São Bento, São Cipriano e São Jorge, que deve-se proteger com uma reza específica para entrar na mata. Faz sua prece e seguimos caminho. Estas rezas preenchem o cotidiano diante dos contatos com espaços onde outros seres habitam, sejam vivos ou encantados - maneiras de pedir licença e se proteger de qualquer contrário²².

²² Espíritos/encantados furiosos, animais peçonhentos, pessoas mal intencionadas, etc.

No Salto, já sentados e com os pés na água, Adriana nos conta de sua ligação com a natureza e as águas, com uma reflexão sobre como ter momentos como aquele dão forças ao espírito. Fala sobre os sonhos que tem recebido e como a fluência das águas acolhem seus medos e ansiedades com o futuro. Seus sonhos lhe guiam diante do processo de cura que deve passar nos próximos anos. Comenta que nestes momentos é necessário ser como água e deixar que o ciclo da natureza nos renove, assim como ressalta que as situações contrárias fluirão e tudo já está sendo preparado nos mínimos detalhes. Sua fé move seus sonhos.

Ela comenta sobre a arte do benzimento e como gostaria que os mais velhos passassem as rezas. Aqui está um desejo e motivação nessa aprendizagem mútua em minha família. O desejo de continuar a prática dos mais velhos.

Figura 11 - Adriana e o Salto



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Nosso avô benzia e sua mãe continuou com as medicinas da natureza. Sua arte com a espiritualidade já foi passada para ela por toda essa linhagem. Adriana comenta saber muito pouco, eu desconfio por sempre vê-la atenta aos ensinamentos do avô e da mãe. Então, retorno a sua mãe para estreitar os conhecimentos que fluem em seu núcleo familiar.

Minha tia estava animada para apresentar seu quintal, as suas belezas e conhecimentos - é seu motivo de orgulho. Todos reverenciamos e sabemos que ali é morada de muito trabalho e relação. Todos criamos memórias naquele quintal, seja brincando com os primos se sujando na terra, seja sentados com meu avô na porta de sua casa. Víamos ele se transformar do mesmo modo em que ele via o mesmo em nós. Nós o refletimos e ele nos reflete com sua ornamentação e ciência. Para ouvirmos um pouco de seus conhecimentos, elaboramos dois programas performativos para minha tia, sendo o primeiro:

Apresentar seu quintal a partir das memórias mais significativas com ele. Do mesmo modo, apresentá-lo a partir de suas motivações em cultivar as medicinas da natureza. Ao chegar no fundo, nos guiar à casa do meu tio (antiga casa de meu avô) e nos contar as memórias que aquela casa carrega em você.

Pois então, ao enunciar o primeiro programa ela me apresenta a história do seu terreiro. Qual a história do seu quintal? Quais plantas compõem?

Começa relatando sua paixão por plantas ornamentais e sua beleza que encanta seu dia-a-dia, com orquídeas, samambaias, rosas, etc. Em seu quintal-roça já passaram bananeiras, pé de canela, mangueira, cajueiro (especialmente para meu avô que gostava muito). O primeiro pé a ser plantado por ela em seu quintal foi uma manga de Itamaracá lá no século passado. Comenta que o pai gostava de plantar, principalmente plantas comestíveis e participou da formação desse quintal-roça.

Agora ela está apaixonada por rosas do deserto - planta ornamental. Continua a apresentar um pé de jabuticaba que existe há uns 17 anos e um pé de uva de 20. Me mostra algumas plantas que tinha colhido com o filho, Ricardo, em Ilha Comprida - na restinga do litoral sul paulistano - em nossa última reunião familiar. Mostra como ficaram vigorosas, pois pegou areia do córrego próximo de casa para restaurar a terra árida, e ressalta o interesse em sempre aprender com a própria planta para saber como estruturar seus cuidados com elas.

Ela nos contou suas histórias e nos guiou de volta ao passado, à produção de conhecimento de cura que ronda esse espaço com seu pai. As plantas medicinais se encontram

quase que a cada passo. 1 passo, *chapéu de couro*. 1 passo, *ora pro nobis*. 1 passo, *hortelã pimenta*. 1 passo, *boldo*, etc. Mergulhamos na memória a cada passo e nos lembra que o interesse pelas plantas medicinais foi plantado pelo pai que sempre a incentivava a entender como interagir com as plantas. Ele trabalhava com essas medicinas e é reverenciado principalmente pelo seu conhecimento na feitura de garrafadas - tradição que trouxe da Paraíba.

Uma dessas foi marcante para minha tia, quando uma garrafada deu um filho a uma mulher que não conseguia engravidar através desta ciência. Para fazer essa garrafada, os “remédios” - ervas - e o vinho foram comprados na feira pela minha tia, já que o pai já não conseguia mais andar, então ela já se inseriu na prática desde jovem. Minha tia contou com entusiasmo que ela ainda trouxe o filho para que ele visse o resultado do trabalho, e lá estava o bebê sadio que meu avô abençoou. Os segredos de algumas garrafadas ficaram com ele, não foram passadas. Tinham garrafadas para múltiplos fins, com diferentes temperamentos, personalidades, como as onças da família.

Sempre confiou nos instintos do pai quando se tratava sobre essa ciência. Velame branco, salsa parrilha, pé de perdizes, são coisas que ele conhecia e ela não. Lamenta não saber tanto quanto ele para que pudesse curar mais. Mais 1 passo, *pau tenente combate até malária*. Lembra que nessas épocas de dengue e suas constantes mutações *é necessário ter um pé de picão que é um santo remédio que tem salvado vidas. Quando se está com dengue o fígado vira gelatina, e mesmo com os remédios do médico, tem que tomar chá de boldo ou picão para ajudar o fígado a desintoxicar*. Lembra - só o sintético do médico não basta, para curar, deve-se tomar os remédios da natureza também.

Mostra-nos como o incentivo dos pais para aprender dos conhecimentos ancestrais é imprescindível na construção do conhecimento da roça. Hoje ela é doutora, não de formação acadêmica, mas como mestre do saber da cura através da mãe natureza. Hoje reverenciamos seu conhecimento e com ela consultamo-nos.

Figura 12 - O quintal-roça de Euripa



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Seguindo o programa, apresenta a casa em que meu avô morou, onde atualmente mora meu tio Manoel. A casa é cheia de memórias tanto por parte dela, quanto pela minha. Lembro de brincar nesse quintal com meus primos enquanto meu avô nos observava de sua cadeira na porta de casa. Meu tio coleciona santinhos pelo seu quarto, decorando com sua fé e interesse em coletar objetos - em suas andanças diárias pela cidade (quando não era entre cidades), sendo um cotidiano andarilho. A memória da minha tia reconfigura os móveis para como que a casa se formava quando o pai morava ali: o banquinho de bico de papagaio e a quartinha com a água ao lado da cama - utensílios cotidianos de seus últimos anos nesta casa. O cheiro, as rachaduras, as luzes, o ranger das janelas, tudo encaminhou memórias de sua passagem por aquela morada que se entrelaçam em nosso diálogo.

Figura 13 - A casa de seu Mário



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Por isso, em ligação ao espaço em que meu vô sempre benzeu e utilizou essas medicinas, ela sentou em seu lugar e suas filhas e neta lhe foram levar as doenças/mal estar. Desta forma, enuncio o segundo programa performativo:

Sentar à frente da porta da casa de seu pai, de onde flui seu conhecimento com as medicinas da natureza. As filhas e neta carregam em ciclo queixas de saúde e ela deve responder com precisão 10 simulações de queixas com receitas com esta ciência de cura.

Ela ficou confiante e logo se sentou. Organizei minhas primas em uma fila e também lhes passei o enunciado e sua ação. Cada uma pensava em uma queixa por vez. E surgiu o jogo:

Amanda: Vó, eu ando com uma dor na barriga...

Euripa: Dor na barriga? Principalmente para mulher é bom um chá de mentrasto e artemísia.

Adriana: Mãe to com uma gripe danada, o que eu faço?...

Euripa: Chazinho de hortelã, folha de manga, folha de acerola...

Adriana: Posso colocar gengibre?

Euripa: Pode. O gengibre também é muito bom. Um pouco de açafrão, porque o açafrão é bom para a garganta.

Luciene: Mãe, to com gastrite...

Euripa: Pau-tenente é muito bom para a gastrite, para diabetes, verme, piripiri, anemia... e também o pó de batata, fazer um polvilho da batata e colocar na água. É uma beleza.

Amanda: Vó, eu tô com dor de dente...

Euripa: Galinha do campo é muito boa para dor de dente. Faz um chá e faz um bochecho. A folha de batata doce e as ramas é bom fazer um chá também - é bom para piorréia também.

Adriana: Mãe eu to sentindo meu fígado meio ruim. Minha barriga tá amargando, minha boca tá amargando, o que eu posso tomar?...

Euripa: Boldo e chá de picão que vão desintoxicar seu fígado, vai abater gordura do fígado.

Luciene: Tô com dor no ouvido, mãe...

Euripa: Pega o bálsamo, esquentar uma colher, coloca a folha em cima, deixa respingar no algodão e tampa o ouvido. Quando a gente não tem assim... uma opção de ir ao médico... é assim que se faz.

Adriana: Mãe estou com uma dor no joelho, o que pode estar passando?

Euripa: Arnica ou uma erva de Santa Maria. Pode tomar o chá e depois mergulhar uma faixa no chá e enrolar o joelho. Fique em repouso.

Amanda: Vó eu estou com corrimento vaginal...

Euripa: Você tem que fazer o chá da folha do algodão e pode fazer um banho de assento. Tem o feijão azul também pra fazer lavagem em infecção.

Luciene: E anemia?...

Euripa: Tem ora pro nobis, bem aqui na nossa frente, um santo remédio. Fígado de vaca mal passado. A taioba também é um santo remédio para fazer um refogado com as folhas. Geleia do pé de frango, um santo remédio para a anemia.

Figura 14 - O que se vê



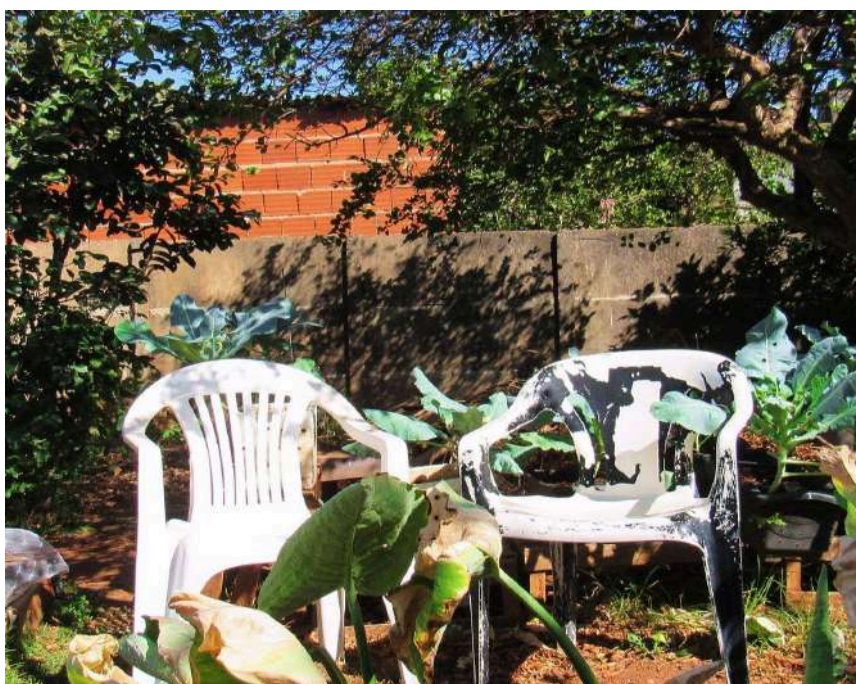
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Nesse programa performativo, minha tia expande a receita não somente uma, mas duas ou três alternativas para queixas que rondam o cotidiano. Demonstra o repertório de experiência que carrega de seu pai e aqueles que ela mesma se envolve, tudo isso também esteticamente manifestado por seu quintal-roça, um guardião desse conhecimento juntamente dela. Ela não receitava apenas uma opção, mas duas, três, chegando a quatro opções para o mesmo relato.

Não obstante, durante a execução do programa, minha prima Adriana enquanto esperava sua vez na fila soprava em nossos ouvidos as mesmas orientações que sua mãe, dando às vezes algumas outras alternativas que tem aprendido. O conhecimento entre gerações já soprava de sua boca. Ali compreendemos a aprendizagem que aquele mesmo jardim acompanhava. Agora a neta daquele que ali sentava, tinha em seu conhecimento a ligação com sua ancestralidade e modo de ser. Não somente minha tia estava em formação, como seus descendentes continuam se formando em seu quintal-roça e preservando esta herança.

3.2. NO MEIO DO TRIÂNGULO

Figura 15 - Espaço de trabalho



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Falando em quintais-roças, visitamos a casa do primo Ricardo, filho de tia Euripa. Nasceu e cresceu em Ituiutaba, e hoje mora em Uberlândia. Em sua casa há um quintal que reverencia o da mãe com plantas medicinais, comestíveis e ornamentais, onde continua com as práticas do roçado e das medicinas da natureza na área urbana de Uberlândia. Não somente constrói seu quintal-roça, como atualmente produz sabão para múltiplos fins, um deles é o sabão de cinzas, um sabão que vem através da história passando de geração em geração.

Após uma conversa sobre sua rotina, sua ligação com os conhecimentos herdados de seus pais e avós, foram postas duas atividades principais para o dia seguinte da minha chegada: manutenção diária do quintal e produção de sabão. A partir desses dois pontos, desenhei durante a noite dois de programas performativos que pudéssemos intervir nessas atividades, sendo o primeiro:

Escrever em fluxo contínuo, por 10 minutos, sobre memórias de aprendizagem e construção do conhecimento através dos mais velhos da família. Ao finalizar, ler um para o outro.

Figura 16 - Escrita em fluxo contínuo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Trago o primeiro programa enquanto enunciado e damos início aos 10 minutos que encarregam a escrita em fluxo contínuo sobre nossas memórias. Esta foi a primeira vez que Ricardo teve contato com esse tipo de escrita, o tempo como ritmo do programa instaurou uma suspensão do cotidiano, e ele se entregou para a atividade como um desafio a ser cumprido.

No tocar do cronômetro que nos avisava o tempo limite, lemos nossas escrituras que revelam a experiência de se colocar, desde o período da infância, em situação de aprendizagem mútua com os mais velhos de nossa família. Nossas descrições logo se voltam aos nossos pais. O que nos foi ensinado pelos nossos pais que gostaríamos de ensinar para nossos filhos, primeiro Ricardo assim escreve::

O aprendizado é geracional;

Minha família sempre foi atrelada à vida rural, mesmo residindo na cidade;

Obtive o conhecimento de manipular as plantas com meus pais;

Abatemos animais de consumo comum como: aves, bovinos e suínos;

Aprendi a manipular as carnes com meus pais;

O hábito de lidar com plantas, principalmente hortaliças, é perpassado de pai para filho;

Meu avô materno...;

Por outro lado, acrescento minha memória:

Temos o dia em que meu pai me ensinou a pegar minhocas. Não que sejamos grandes pescadores, mas eu era pequeno, tinha cerca de 8 anos e estávamos na roça da Dirce - prima de meu pai. Eu amava aquele lugar. Fomos em bonde pescar perto de onde as vacas atolaram. Lembro da sensação do pé afundando na lama. Antes de irmos, meu pai me deu uma enxada e falou para eu procurar umidade no chão e lá eu encontraria as minhocas. Eu bati no chão algumas vezes e nunca tinha reparado no peso da ferramenta. Eis que surgem diversas minhocas, algumas cortadas pela enxada. Pegamos todas e fomos. Senti angústia por aquelas minhocas. Depois piorou, tive que espetá-las no anzol. Prefери ficar com as mortas.

Ao lermos um para o outro o que havíamos escrito, gerou-se uma conversa em que nela foram enunciadas algumas das perguntas escritas na noite anterior. Ao falarmos sobre os

limites entre a roça e o urbano, Ricardo revela que os limites são confluentes dentro de nós, mesmo que acirrados, de forma que conciliamos essas duas realidades. Aprender a viver nesta confluência tem sido algo que também tem passado entre as gerações, entre pais e filhos, de forma “natural”, sem que haja alguma construção forçada, mas algo que vem a partir da experiência de viver entre esses mundos.

Com isso em mente partimos para o segundo programa performativo:

Fazer uma máscara com o nome de Maria Maximina da Conceição - nossa bisavó - e enrolar na cabeça com um barbante. Ricardo deve ministrar uma aula de como fazer sabão para sua bisavó e seu primo.

Figura 17 - Máscara Maria Maximina da Conceição



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Para criar um símbolo que representa nossa bisavó Maria Maximina da Conceição, escrevo seu nome completo em um papel. Corto dois orifícios e peço para que Ricardo amarre a máscara em meu rosto e juntos, nós 4 seguimos para sua aula. Primeiro pegou estearina - explica ser um composto que endurece o sabão - e seu termômetro. A temperatura para aplicar

a estearina deve ser 70°C. Nos abre que aprendeu na internet esse modo de fazer, mas quando pergunto sobre da onde que surgiu seu interesse, explica que surge da observação da feitura por sua mãe. Ao pedir que explicasse sobre o sabão de cinza, Ricardo nos disse que ele é feito de cinzas pois a soda era um produto novo quando surgiu, um produto caro. Pessoas que não tinham condições não tinham esse acesso, portanto o saber dos mais velhos com a utilização das cinzas era valorizado nas comunidades caboclas. Com a soda se tornando mais popular, o sabão de cinza passou a não ser mais feito, sendo apenas alguns mais velhos os guardiões desse conhecimento e que por vezes passam para interessados da nova geração - como aprendeu na internet.

Explica que as cinzas possuem propriedades que auxiliam na cicatrização de queimaduras e uniformização da pele, mas que também pode ser usado para a limpeza de casa. Tradicionalmente era feito no formato de bolinha e enrolado em palha de bananeira. Em alguns lugares se faz somente na lua minguante, pois acreditam que em outras luas ele “soa” muito e desfaz. Assim como ronda também entre alguns fazedores do sabão que o “mau olhar” também atinge sua feitura²³. Ricardo também mostra seus pés de arruda e quebra-demanda, duas ervas que se ligam com proteções espirituais. Com elas, explica, que também faz sabão e que é procurado por clientes que buscam suas propriedades para se proteger dos maus olhados.

Quando o instigo sobre imaginar-se vivendo em um lugar sem espaço nem mesmo para um quintal, como ele enxerga a possibilidade de reexistir nesta confluência, ele frisa: *se for para me privar, não iria. Apenas cogitaria se houvesse possibilidade de moldar o espaço para minha prática.*

Meu primo abre a mim e sua bisavó que acredita num sonho de “qualidade de existência”, onde haja no futuro uma comunidade familiar autossuficiente. Diante do jeito que o mundo está, poder reunir um grupo de pessoas próximas com o mesmo objetivo para se organizar para reorganizar o modo de subsistência é visto como sonho. Os parentes são cerne disso, e sua contribuição com a comunidade seria intensificada com a proximidade, um jeito de aproximar aqueles que vivem mais distante de nós.

A renovação das performatividades dos que vieram antes de nós através de nosso próprio corpo, nessa visão de futuro torna-se um elo com a ancestralidade, preservando a

²³ FRAZÃO, C. A. A.; CASTRO, A. L. O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermídia etnográfico. *Revista IENCI*, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/300/195>. Acesso em 10 nov. 2024

conexão entre nossa identidade contemporânea e os modos de vida dos nossos antepassados. Como Schechner sugere, a performatividade restaurada em sua pesquisa sobre o “comportamento restaurado” é que são

ações físicas, verbais ou virtuais, que não são pela primeira vez, que são preparadas ou ensaiadas. Uma pessoa pode não estar ciente que ele ou ela desenvolve uma porção de comportamento restaurado. Também conhecido como comportamento duas vezes vivenciado. (SCHECHNER, 2006)

Não lançamos uma flecha ao passado para encontrá-los, mas para dentro de nós, em busca de uma multiplicidade que nos compõe e que é organicamente existente nos nossos corpos e espíritos. Nossa identidade diaspórica nos revela para além de nós mesmos, numa teia de ancestralidade que, mesmo em nossas escolhas individuais e expressões autônomas, ressoa e se manifesta, nos lembrando que carregamos em nós muito mais do que somente nossa experiência pessoal.

4. CAPÍTULO 3: NA LUA CHEIA CONTAMOS HISTÓRIAS

A lua cheia nos convida a mergulhar em lacunas deixadas pelas sombras. Ao subir aos céus ilumina e encanta o que vive nos cantos da roça, da memória e da cultura que preenche a percepção cósmica do ambiente. Este capítulo costura uma série de encontros realizados especificamente com o núcleo de meu tio Agostinho - núcleo que vive integralmente na roça -, em que o sonho toma forma da fartura da celebração familiar, e cada passo, gesto e palavra se tornam rastros de uma travessia que nos reconecta com o que veio antes, enraizando nosso presente.

Ao seguirmos para a roça do tio Agostinho passamos pela balsa que separa Minas e Goiás, em Cachoeira Dourada. Passamos pelo Rio Paranaíba, um rio de muitas memórias. Toda vez que passei pela balsa escutei a mesma memória de meu pai: *Lá embaixo está nossa primeira casa, uma casa de sapé*. A travessia anual que meu núcleo familiar faz sobre o rio em direção às roças dos nossos parentes do lado das margens de Goiás sempre trouxe essa memória - via oralidade de meu pai e tios - de sua primeira habitação no mundo mergulhada no passado. São lembranças que nós, gerações mais novas, não acessamos visualmente, mas

sentimos pela oralidade e presença das águas que circulam ao nosso redor. Isso também engancha em outras memórias e as evidenciam, com uma história puxando a outra. Entre as ruas que seguem, mais memórias são levantadas, como a vez em que meu avô se encontrou com o diabo à beira de um brejo no trajeto para a roça ou quando, com seu cavaquinho, entrava de roça em roça após o trabalho e solfejava notas e composições brincantes, provocando histórias, risadas e lembranças envolventes à cultura presente no cotidiano em Inaciolândia - e outras localidades de Minas Gerais onde vivia.

Chegamos na vila em uma noite de lua cheia, daquelas que parece que a lua vai nos engolir, principalmente vista em um céu límpido. Partimos para a roça no breu da noite, iluminados pelo banho de lua e lanternas. Fomos com os dois netos de meus tios - Agostinho e Neuza - que são Miguel e Aninha, com faixa etária em torno dos 4-8 anos.

Figura 18 - A Lua Cheia



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Bença tio, Bença tia. Oi crianças, como cresceram! - digo.

A lua cheia dava arrepios nos meus priminhos que contam estar com medo por ser dia de lobisomem, uma história que já começaram a ouvir pela comunidade e ronda os cantos escuros da roça. *Crem de Deus* era o que eles falavam como uma repreensão às assombrações - até hoje não entendi o porquê as crianças falam assim, mas resolvemos endossar o termo toda vez que falavam de uma assombração. A lua aqui é vista pelas crianças como ponto de encantamento, encantamentos que até transformam homem em cão. A lua cheia dá forças para múltiplas variáveis que passam a existir sob sua luz. Eles prestavam atenção em cada barulho que vinha de fora da casa, analisavam cada contorno que viam pelas frestas das janelas, se assustavam com os cachorros e riam de si mesmos quando percebiam que não era nada. Ao nos instalarmos na casa de meu tio as crianças ficaram cada vez mais próximas e nos contaram o que sabiam sobre o lobisomem.

Ana: Ele é o cão;

Neuza: Shhh o miguel tem medo, ele não pode ouvir isso;

Ana - mais baixinho: Ele vem de noite, mas tem um segredo;

Lucas: Qual é o segredo??

Ana: Ele mora aqui...

Lucas: *Crem de Deus*, Ana, onde você viu isso?

Ana: O vovô é o lobisomem - e dá um sorriso travesso e olhar assombrado;

Das coincidências que acontecem na lua cheia, meu tio havia acabado de entrar no cômodo e ouviu o que ela disse. Na mesma hora repreendeu, falou para não ficarem falando disso, mas mesmo assim a brincadeira continuou, assim como a teoria de que o avô se transformava em noites como aquela. A lua cheia aqui é a lua dos mistérios, nela as assombrações são narradas.

Por outro lado, ainda sobre essa mesma assombração ouvi que uma pessoa na família tinha uma história autoral em que viu o ser, minha tia Fiinha. Ao ir na sua roça ao amanhecer e sabendo do meu interesse nessa história minha tia já adianta: *hoje não temos mais assombração nem nada do tipo, essas coisas aconteciam antigamente*. Outros mais velhos durante a viagem falaram a mesma coisa. Na contramão do desencantamento, vamos ouvir histórias que nos encantam. Tem coragem de ver para crer?

E nessa já puxa para sua infância, para o dia que encontrou o lobisomem. Para muitos é apenas uma lenda folclórica, mas ela conta que seus próprios olhos viram acontecer. Não é folclore, é a vida que habita as matas. Os lobisomens, por exemplo, comenta serem pessoas ligadas a uma força maligna que utilizam uma reza para tal transformação, e não entende quem que faria isso consigo mesmo. Pois o lobisomem faz todo tipo de nojeira, come coco de vaca, galinha, porco, se joga nos lugares mais sujos e ainda ao amanhecer quando o encanto passa e vira homem sente as mazelas do encantamento no corpo.

O tal do lobisomem eu vi. Era um cachorro, mas era um homem. De primeira até engana. Era umas 3 da madrugada e os cachorros estavam bravos. Eu não levanto no claro, levanto quando tá escuro. As casas eram todas de pau a pique e entre os paus e o teto tinham aberturas para olhar o exterior da casa. Ela olhava o terreiro claro pela lua e via o bichão passando e os cachorros indo atrás. A mãe acordou e perguntou o que ela estava fazendo, e ela só disse “olha mãe o tamanho do bicho!”.

*Era uma quinta feira santa. Ele gosta de se transformar na quaresma. O bicho se embrenhou numa moita de colônia e perdi de vista. Mas os cachorros continuaram a latir para a moita. Ela disse para si mesma que quando terminasse de amanhecer ela iria ver onde que o bicho tava. Não tinha nem terminado e ela curiosa já foi ver quando os cachorros pararam de latir, não havia mais nada... Passado uns dois dias, a mãe pediu para que ela fosse na casa de um velho que era conhecido por ser o lobisomem para pegar um tacho para cozinhar, e ela foi para tirar a prova. Chegando lá o velho estava no estado de recuperação da transformação, acamado com muita dor e sua mulher reclamando do que ele fazia: *você que ficou arranjando essas dores!! quem mandou você ficar vagando aí a noite inteira?!**

Chegou em casa e contou para a mãe, que também já tinha ciência das transformações do homem. Sua mãe disse com toda certeza: *o que você viu aqui minha filha, era o lobisomem, o seu Guilherme.*

Essa história já ligou na de sua tia Maria, irmã de seu avô, que bateu o tição na cacunda do lobisomem que estava comendo a lavagem dos porcos na beira de sua cozinha e no outro dia foi na casa do homem para também tirar a prova. O homem estava na mesma situação narrada por minha tia, com um detalhe a mais, a marca do tição em suas costas. Ela comenta que o povo mais velho não era muito de *conversinha* e sua tia já lhe disse: *tá vendo Gerônimo?! Vai virar lobisomem!... agora nunca mais vai virar esses trens - pois dizem que se queimar o lobisomem quebra o encanto, é a fraqueza da reza da transformação.*

Comenta que a mesma reza que se usa para virar lobisomem também serve para virar a mula sem cabeça. A tia Alcides, como narra, passou um aperto quando teve sua prima. Eles moravam na beira do rio e era um rancho de capim que tocava a beira do chão. De noite escuta uma ventania na beira da água e quando foi dando meia noite ela viu aquilo na beira da água dando coices enquanto relinchava. O vento, a água e o relincho se mesclavam na manifestação do ser. A proximidade com a casa era bem curta e ela temendo pela vida da filha a pôs no colo e tornou a rezar. *Então o bicho desceu o rio com sua disgrama*. O outro vizinho que morava rio abaixo disse que aconteceu a mesma coisa na mesma noite em sua casa, mas lá não tinha menino novo. Pois o maior medo é dela entrar dentro de casa, porque ela leva todas as crianças que vê pela frente.

Ela narra que é uma criatura que faz muito barulho, como se fosse uma tropa de cavalo. Uma visão que estremecia os corpos. No outro dia não tinha rastro nenhum. São visões que somem com o raiar do dia. Rastros guardados pela noite.

Mesmo com os mais velhos dizendo que isso não acontece mais hoje em dia, as crianças crescem ouvindo essas histórias dentro da família e mesmo dentro da comunidade de Inaciolândia. Por isso, na roça o medo do lobisomem ou de qualquer ser que habita o manto da noite não é algo somente fabulado, mas é calcado no que um dia pode vir a estar na sua frente. Como fabular o que pode aparecer em nossa frente? Como fabular experiências passadas? Como reconstruir territórios a partir da memória?

4.1. Terreiro de histórias: econarratividade em jogo

Tem histórias que nos ensinam de onde tirar nosso alimento: histórias da mandioca, dos frutos comestíveis, das plantas medicinais. Essas histórias nos contam que tudo é sagrado porque nos foi dado graciosamente. Há histórias de homem que namora mulher. Nem sempre têm a forma que conhecemos hoje. Às vezes homem e mulher são seres da natureza. Podem ser plantas, podem ser bichos, podem ser rios, podem ser árvores ou pássaros. Essas histórias nos contam sobre como viver juntos, como viver em comunidade, como respeitar as pessoas. Todas essas histórias são muito importantes para nós. Elas realmente nos ensinam quem somos e por que somos o que somos. (MUNDURUKU, 2015)

Pelas manhãs, eu e Igor íamos para a represa que fica na roça do meu tio com o objetivo de planejar o dia e compartilhar reflexões dos dias anteriores. Em uma dessas idas, entre conversas, notei um movimento cortando a superfície da água. Mostrei à Igor, e lá estava ela: a Sucuri. Seu corpo sinuoso se esticou, exibindo sua juventude e seu padrão oval desenhado sobre sua espinha. Naquele brejo sempre escutei sobre ser o lar de sucuri, mas foi a primeira vez que a vi. Suas formas arredondadas hipnotizavam enquanto ela vinha em nossa direção. Então, subimos no barco e a deixamos passar, absorvendo o impacto desse encontro.

Quando voltamos, encontramos as crianças chorando, frustradas por não poderem nos acompanhar até a represa. Recentemente, elas também tinham visto uma sucuri no córrego que desce da represa e passa atrás da casa, e o medo misturado ao desejo de aventura preenchia seus olhos. Para nós, a sucuri era um símbolo intrigante, mas para elas, o encontro trazia um temor real e imediato, mas uma curiosidade extasiante. Explicamos o que vimos, mas elas não acreditaram. Decidi, então, criar um programa que não apenas narrasse o ambiente, mas também permitisse que elas visualisassem e reinterpretassem o que temiam através de um programa performativo. Esse programa conou com uma contação de histórias – uma teatralização da situação em que se encontravam – que as envolvia em um processo de ressignificação do espaço e de seus próprios sentimentos. Desta forma o programa se formou:

A partir dos personagens da sucuri, o avô criança e um bezerro, econarrar o território em que vivem com uma fábula para as crianças. O córrego, a represa, a casa e o pasto também entram como personagens que compõem a história. Entregar às crianças papéis e tintas, lápis, canetas variáveis. Ao contar a história, as crianças devem ilustrar a sucuri que vive no corgo.

Como primo e, naquele momento, também educador, senti que minha função era propor uma experiência que ampliasse o olhar das crianças para o ambiente ao redor. Queria que enxergassem a mesma cena sob novas possibilidades, utilizando a criatividade para ressignificar o território. Nessa proposta, nossa relação se estreitou; percebi, ao propor uma abordagem encantada do espaço, como nossos vínculos e entendimentos compartilhados se fortaleceram. “A aprendizagem não é apenas sobre a transmissão de informações, mas sobre a construção de significados e identidades a partir das histórias compartilhadas dentro da comunidade.” (BRUNER, 1996)

Figura 19 - Contação de histórias com Miguel e Ana



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Utilizamos a represa, o córrego, a casa e o pasto como cenários que compunham a narrativa. Distribui materiais de desenho às crianças e, enquanto eu contava a história, elas tinham o desafio de ilustrar cada personagem e seu cotidiano. Assim, o programa não apenas ilustrava o ambiente, mas também permitia que elas processassem o medo de forma lúdica, criando uma memória afetiva que conectava o aprendizado ao afeto. Brinco que o cheiro que a sucuri mais gosta, é o cheiro de criança. A curiosidade acerca do que seria o cheiro de criança fez com que eles saíssem cheirando os adultos e a si mesmos em comparação, por fim decidiram juntos que tem cheiro de criança e entenderam o porquê da sucuri gostar tanto, eles gostaram do próprio cheiro. Qual será o cheiro dessa memória?

Enquanto lhes contava, seu desafio era de desenhar esse ser, com suas formas e atribuições: cores, desenhos e habitats.

Figura 20 - Desenhos de Miguel e Ana



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Miguel e Ana (2024)

[...] a econarrativa constitui-se como campo de estudo relativamente novo, que surgiu das interrelações da literatura com os estudos autobiográficos, sendo definida, portanto, pela intertextualidade da escrita de si com a escrita do lugar. A econarrativa, também intitulada por ecoautobiografia, ainda é pouco explorada como gênero de texto autobiográfico, apesar de sua configuração de escrita estar presente em praticamente toda a literatura intercontinental. (OLIVEIRA, 2021)

Ao propor a econarratividade, pensamos numa poética que OLIVEIRA²⁴ nos elenca a partir do termo de *econarrativa visual* enquanto metodologia de ação e leitura performativa do espaço. Ademais, enfatiza a temporalidade em que antes de *econarrar* faz-se necessário construir e identificar o corpo e o ambiente que busca esse estado. Deste modo, há o estado performativo necessário para além de aproximar o ser humano da natureza, mas agir confluentemente com ela, sua memória e sua relação com o ecossistema literal e ancestral que

²⁴ COSTA, I. **Econarrativas visuais: o despertar de si como natureza**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

lhe transpassa. O termo eco refere-se à ecologia, mas aqui olhamos a partir do *ecossistema* e sua rede de interações, pois em princípio orientador a ideia de uma ecoperformance se faz ao alavancar a consciência, presença e participação em toda uma rede ecossistêmica, confluindo com o ambiente e sua memória. Neste campo, um elemento que se consolida em diálogo com esta prática e interação ecossistêmica é a *econarratividade* - modos de ouvir e contar o ambiente, assim como manifestá-lo.

Ao fim, ao ver as ilustrações das crianças, compreendi o valor da econarratividade nas práticas com as crianças: elas haviam transformado o temor em uma conexão lúdica e criativa com o ambiente. Cada traço, cor e forma desenhados eram marcas de um olhar renovado, de uma interação afetiva com a natureza. Ali, com essa atividade, percebi que nossas histórias tinham o poder de transformar o ambiente – e, junto com ele, nossas memórias e laços comunitários. A prática performativa, que une a contação de histórias com o desenho e a teatralidade, se mostrou uma forma potente de construir relações e expandir o entendimento do mundo, envolvendo os mais jovens em uma narrativa onde cada detalhe do ambiente ganha vida e propósito.

Ao terminarmos o programa e as crianças irem contar a história que ouviram para os avós, meu tio teve uma ideia. Ele também queria contar sua história e a memória de um território em que viveu entre seus 11 e 13 anos. Lá diz que moram as quedas d'água que criam as nuvens. Esse lugar é Itaguaçu-GO.

4.2. Itaguaçu Minguante: uma viagem no tempo que hoje se faz presente

Nosso programa performativo aqui se coloca para Itaguaçu:

Atravessar o sul de Goiás passando por Inaciolândia, Gouvelândia, Quirinópolis, Paranaiguara, São Simão e Itaguaçu. Para ativar um território-memorial, utilizar dois instrumentos que ligam memórias: cavaquinho e maracá. Tio e sobrinho ativam o cavaquinho do pai-avô com os maracás. Contar memórias a partir da relação com Itaguaçu enquanto tocam o cavaquinho.

Regra 1: compartilhar o cavaquinho entre as histórias. Devem improvisar seu som.

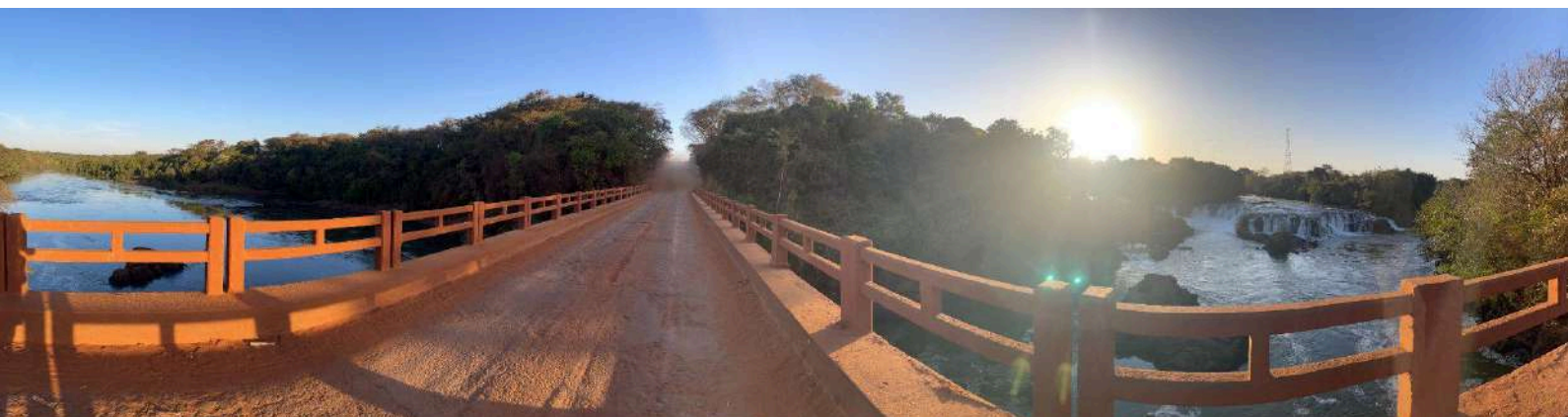
Hoje, o convite do meu tio Agostinho nos leva a um percurso carregado de memórias que atravessa territórios conhecidos por ele na juventude e habitados por outros tempos. Nesse trajeto, a história é trazida à superfície pela presença das paisagens, como uma camada viva do passado sobre a estrada. Vamos visitar primeiro em São Simão a tia-avó Avelina, tio Canhoto e meus primos Szenanda e João e, em seguida, seguimos para Itaguaçu, onde ele retoma sua memória de existência no espaço.

A performance cotidiana, como uma ação educacional, permite a reconstrução do mundo vivido, colocando o corpo e a narrativa como elementos essenciais na transformação das relações sociais e pedagógicas. (LIMA, 2010)

A cada quilômetro, meu tio transforma o caminho em um livro aberto de suas memórias: o asfalto que hoje corta as vastas plantações de cana já foi estrada de terra cercada por mata fechada, um lugar onde se avistava onças que atravessavam os caminhos. Ele lembra do tempo em que o trabalho na roça fazia parte da rotina de toda essa redondeza. *“Andava quilômetros de bicicleta, cortando essa mesma estrada, antes de ter essa cana e essas usinas, que tiraram o espaço das onças e das matas, e ainda só tem elas para trabalhar agora”* conta. Enquanto ele fala, as memórias ganham forma, trazendo uma crítica à mudança do ambiente a favor do agronegócio que tem causado queimadas nas redondezas - como algumas que víamos no horizonte. Alguns primos hoje trabalham nessas usinas como alternativa de sobrevivência e dizem que desde que elas chegaram no território ela tem minado outros trabalhos, sendo ela a maior fonte de emprego nas redondezas. Quanto vale a vida e o território que a usina explora?

Levamos no porta-malas bandejas de ovos caipiras que Fiinha nos mandou para entregar à tia Avelina. Em cada visita, a memória é também nutrida por pequenos gestos de troca e continuidade familiar. Chegamos a Itaguassu, um território de história que ainda pulsa no presente. Uma ponte desponta à nossa frente, a qual meu tio se lembra de não existir em sua infância. *Ela foi construída em 1961 ou 1962. Não tinha cidade aqui, só uma venda do Dedé, que era o único lugar com tudo o que precisava.*

Figura 21 - A ponte



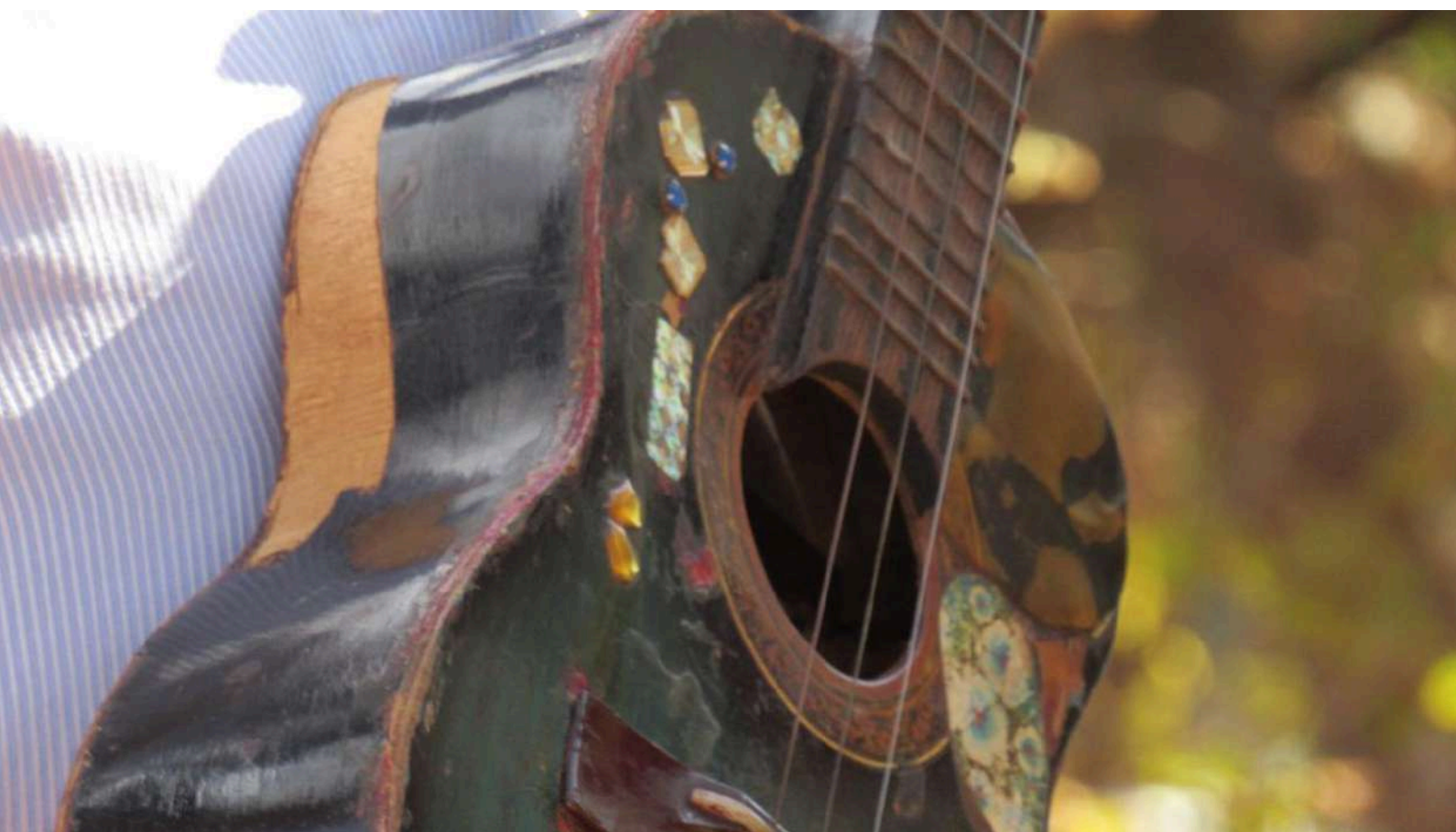
Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ao chegarmos, retiro o cavaquinho que pertenceu ao meu avô e o mostro ao meu tio, despertando nele a lembrança das noites em que meu avô tocava e cantava músicas nordestinas ao final do trabalho. *O papai gostava de cantar e tocar as músicas nordestinas dele. Ele gostava de tocar pelas casas dos amigos, até tarde da noite. [...] tinha uma música que era "olê i olê i", mas eu não lembro mais o que ele dizia nas músicas. Ele brincava com as histórias*, diz meu tio, passando os dedos pelo cavaquinho, que ainda carrega as marcas de muitas folias.

Pergunto se ele sabe como meu avô aprendeu a tocar e ele diz “*não sei dizer, ele sempre tocou...deve ter aprendido no nordeste!*”. O quanto confluímos territórios nessas roças?

Meu tio diz que “*nenhum filho ou neto quiseram aprender para continuar, eu mesmo como enteado não tive essa intuição de começar a tocar...*” com tom de desejo de saber se expressar através dele. Agostinho dedilha, “*ele utilizava esse cavaquinho para se divertir, esse instrumento esteve em várias folias e suas marcas deixam esses sinais do tempo com essas brincadeiras*” e mostra um mapeamento do cavaquinho e suas marcas.

Figura 22 - O cavaquinho



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Então eu apresento o modo que vamos ativar o instrumento: *para você começar a contar as histórias daqui com Itaguaçu, iremos ativar esse instrumento, para isso vou te apresentar um outro instrumento que é o maracá. O maracá é um instrumento que vive em nossa ancestralidade. Existe um canto que diz: /o cocar é minha casa / a maraca é o meu coração/. Quando a gente toca, tocamos também nosso coração. É um jeito da gente se conectar com o divino e é por isso que ela é sagrada, pois é o nosso elo. A ativação será feita com o balançar dos maracás durante 30 segundos. Tocamos.*

Iniciamos uma breve ativação das memórias ao som do maracá, encontrando um ritmo que nos permite sincronizar as batidas de memória, e meu tio sugere que tocássemos em diferentes ritmos para depois buscarmos um pulso comum. Encontramos nosso pulso e ativamos o cavaquinho que agora segue sendo compartilhado e dedilhado por nós. A cada parada, o ambiente ao redor traz novas histórias.

Meu tio recorda os peixes que pescavam nos rios dali e dispara: *era muito peixe que pegamos aqui. Chegava em casa e já iam comer os peixes. Não era pescar por pescar, é pescar para comer* - e discorre sobre sua memória com o rio: *esses braços foram se modificando com a feitura das pontes. Lembro que papai pescava num golfo ali próximo onde pegamos piauçus gigantes. Agostinho lamenta: a construção dessas pontes é o que fez sumir todos os peixes daqui... era muito cheio.*

Com o toque do cavaquinho no ritmo, rememora as lendas de quando viu o "*homem d'água*", um ser encantado que, segundo ele, habita o fundo das águas e que certa vez ele viu surgir no rio. *Era um homem preto, de estatura média, sentado nas pedras, que de repente desapareceu. Quando olhei de novo, ele estava dentro d'água, surgindo como um peixe que pula na superfície* - conta ele, rememorando a tensão e o mistério daquela cena. *Se pegar na sua canoa, ele vira com sua força. Caso isso aconteça é necessário cortar a sua munheca (pulsos).*

Figura 23 - Tio e sobrinho em Itaguaçu







Fonte: Acervo pessoal (2024)

Um caminhão passa na encruzilhada em que estávamos e que conecta Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais - uma rota do agronegócio. Passa apenas um por vez nessas pontes estreitas. O seu barulho interrompe a conversa. Enquanto encaramos o caminhão, sugiro acionarmos os maracás enquanto contraposição sonora da experiência em que estávamos vivendo. Então toda vez que um caminhão passasse, balançaríamos os maracás até o som dissipar. Então, mais uma regra entra no programa performativo

Regra 2: quando algum barulho que advém das estradas interromper nossa conversa, devemos balançar os maracás até o som se dissipar.

Figura 24 - O caminhão e o Maracá



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ao longo do caminho, voltamos a falar sobre a casa em que ele viveu, onde se recorda das colheitas de arroz e milho que realizava com meu avô. *Aprendi a trabalhar observando, sem muita conversa. A gente vivia no trabalho* - diz ele. O conhecimento que teve na roça começou na sua infância e se desdobra na fazenda que viveu aqui, ajudando o pai a plantar arroz e milho. Debulhava e enchia sacos de suas sementes. Quando meu avô ficava doente com crises de bronquite, ele, a partir de sua experiência na roça, começou a trabalhar sozinho e quando viu fazia mais e mais. Cada detalhe o faz voltar a um passado em que seu cotidiano nesse período era difícil, mas ao mesmo tempo trazia a liberdade do contato direto com a natureza e o conhecimento transmitido pela experiência.

Quando pergunto sobre a participação dos mais velhos na sua aprendizagem ele diz que teve que ser mais autônomo, considerando as condições que moravam. *Aprendi observando e fazendo*. Nem sempre tinha conversa. Como trabalhar? Quando se vive no trabalho, às vezes parece que já se nasce trabalhando.

É bom enfatizar que não estavam em suas roças, mas no quintal de seu patrão. As configurações de relação em afeto e liberdade tinham suas limitações. Quando o pergunto sobre meu avô e como lhe ensinava, ele diz aprendeu como pescar, plantar e colher com ele ali, mas que nesse período ele tinha uma ignorância ao não saber se relacionar com o enteado, sendo o *tapa na orelha* uma das memórias que mexe com ele até hoje. Diz sentir raiva quando vê alguém fazer isso com outra pessoa, que sabe o sofrimento que aquilo é, e não deixa que isso ocorra. Sobre isso gostaria de ressaltar que muitos mais velhos trazem relatos que possuem muitas dores, como essa, e que isso evidencia um período em que a aprendizagem se utilizava de comportamentos violentos no ensino - não somente na roça, mas num contexto familiar de muitas famílias no Brasil.

Desta forma, demonstra a importância de trabalhar também as nossas feridas, assim como buscar alternativas coletivas que preservem a integridade de cada indivíduo em comunidade. Tornam-se feridas perceptíveis entre nós mesmos, mesmo que normalizadas, por isso ao meu tio se posicionar deste modo no hoje reflete um exemplo a seguirmos. Vemos hoje as novas e antigas gerações podendo coexistir em um outro período de nossa história, resignificando com o tempo alguns modos de relação e vínculo entre nós. A cultura em seu dinamismo, portanto neste momento, se reelabora perante memórias que também buscam sanar dores.

Essa travessia se torna mais do que uma visita aos lugares ou um percurso pelas memórias de meu tio; é uma reativação das histórias, das paisagens e das experiências de vida

que constituem nossa identidade familiar e cultural. A cada parada e a cada novo som de cavaquinho e maracá, as narrativas dos antigos modos de vida se fundem com as transformações dos dias atuais, revelando o impacto das mudanças ambientais e econômicas no sul de Goiás. Os ritmos criados entre as lembranças de meu tio e o improviso do cavaquinho nos permitiram mapear essas transformações e desenterrar memórias que o tempo quase escondeu, mas que o som faz reaparecer.

Essas práticas performativas nos conectam a uma história viva, em que as recordações de peixe, de roça, de rios e criaturas que habitam seus cantos não apenas compõem uma visão do passado, mas também questionam nosso presente. O ambiente que um dia pertenceu à natureza e à nossa gente agora ecoa os sons do agronegócio, das monoculturas e do trabalho mecanizado que limita e impõe novas formas de relação ao território. Desta vez, ecoamos nossa memória pelo espaço.

4.3. Na dança do tempo, cabôcos pisam no rastro

De que modo compartilhar uma pesquisa acadêmica com a própria família?

Este tópico celebra um retorno às raízes de nossa família e o compartilhamento de uma pesquisa que não apenas explora a cultura cabocla, mas se desenha a partir de suas próprias práticas e saberes. Considerando o ambiente acadêmico em que esse sonho tem se construído, e o compromisso de reconhecer e valorizar a caboclagem e a ancestralidade indígena na família, optei por realizar um encontro performativo. Este encontro visa compartilhar a pesquisa de forma viva e acessível, transformando o que poderia ser um monólogo acadêmico em uma conversa familiar. A proposta é, de certo modo, fortalecer os pontos de costura que tivemos nessa imersão, fortalecendo também o objetivo de juntos costurarmos as histórias que atravessam nossos antepassados, reafirmando laços e ressignificando memórias em comunidade.

O encontro se estrutura de modo a reverberar a linguagem das práticas performativas, no momento em que cada etapa representa um programa de ação que coloca todos nós em uma "dança no tempo", reativando histórias e experiências. No planejamento do último dia do encontro, organizo os elementos de modo a construir uma narrativa em que cada passo seja uma manifestação dos rastros que seguimos e que também imprimimos para as gerações

futuras. Estiveram presentes meus tios Agostinho e Neuza, as primas Gislene, Scarlaty e Dirce com seu marido Zezinho, neto e nora. As crianças participantes foram Miguel, Aninha e Sabrina - filha de Scarlaty.

O encontro inicia-se com o dedilhar do cavaquinho chamando todos para a história que iremos contar. Meu tio vê as projeções do nosso dia anterior em Itaguaçu e se surpreende ao ver as imagens que sobem pelas paredes de sua casa enquanto as crianças brincam com as sombras.

“Um certo dia, um jovem rapaz sonhando com a nossa história, decidiu construir um sonho que falasse sobre como vivemos aqui. Ele atravessou São Paulo ao encontro de parentes em Minas Gerais, atravessou o rio Paranaíba e chegou aqui, em Goiás. Aqui em Goiás, sabe onde ele ficou? numa roça. Era bem parecida com essa que estamos, tinha inclusive um pé de pequi como esse. Nessa roça tinha um senhor que começou a contar sua história para esse jovem e se empolgou tanto, mas tanto, que chamou esse jovem para ir até Itaguaçu, na nuvem da memória. Lá em Itaguaçu entramos na nuvem da memória” - começo a fabular o próprio processo que vivemos.

Figura 25 - O começo do reencontro



Fonte: Acervo pessoal (2024)

As imagens de Itaguaçu continuam subindo e as crianças tentavam pegar alguns elementos que apareciam, como um cachorro, uma bica e a queda d'água. Neste caminho,

volto a narrar a apresentação que contextualiza o objetivo desta pesquisa: valorizar a cultura cabocla e a oralidade como práticas de aprendizagem mútua e transgeracional, em que o conhecimento tradicional é visto como uma ciência legítima, sustentada por programas performativos.

Para marcar esse momento, introduzi o cavaquinho e os maracás, instrumentos que carregam a memória de nossa ancestralidade e cuja sonoridade ativa o que está guardado entre nós. Esses instrumentos, simbolizando a ligação entre passado e presente, são também um convite para que todos participem ativamente dessa jornada.

Como memória viva e guardião de nossa história, meu tio Agostinho conduz comigo uma contação de histórias sobre Itaguaçu. O cenário de 1962 é reconstituído enquanto ele narra suas experiências. O programa é que,

Ao econarrar este território, desenhar sobre diversos papéis uma "memória-grafia" de Itaguaçu, resgatando as paisagens e os acontecimentos que marcam o lugar. Imagens e vídeos do território servem como pano de fundo, projetando Itaguaçu para todos, em um reencontro visual com o espaço.

Figura 26 - Desenho do tio Agostinho



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Rodeamos os papéis, sentamos em sua volta e ele já começa a mostrar a nascente do córrego do marimbo do até seu deságue no rio. Desenha a sede do patrão e a partir dela desenha o curral e a sua casa que ficava de frente para ele. Mostrou os morros, as pontes e as encruzilhadas que se construíam as trilhas em torno da casa. Ele mostra onde era um córrego e hoje é uma represa que cobriu sua casa aqui - mais uma casa mergulhada abaixo das represas.

“Essa história é de quando toda nossa família vivia na roça, hoje alguns moram ainda nela e outros na cidade, e a gente continua se vendo. De certa forma, esse jovem e toda família que está na cidade continuam voltando para a roça, para ouvir as histórias e comer bastante. Porque uma coisa que o senhor ensinou ao jovem é que na roça, uma coisa que se planta, se multiplica. O 1 vira 1000. As crianças bagunceiras cavam as histórias de barriga cheia.” - eu narro.

Meu tio reflete sobre o uso do cavaquinho e comenta *quem diria que veria o neto do filho caçula a retornar com esse cavaquinho para contar histórias para a gente. De todos os netos, ele te deu, como se soubesse que esse dia ia chegar* e eu comento de volta que é algo muito significativo para mim, pois esse presente eu recebi em nossa última conversa. Um presente que representa sua despedida deste plano. Gislaíne nunca tinha visto o cavaquinho e agora pergunta como chegou em mim, lhe conto: *esse é o cavaquinho do nosso pai-avô-bisavô, com ele trazia momentos de diversão na roça. Estamos aqui hoje também para se divertir e contar histórias*

Introduzo uma conversa sobre o que é ser caboclo entre nós. *O caboclo é, antes de tudo, um...?*, pergunto e ouço: *um índio* - completa meu tio. Comentam que também levam o ser caboclo em suas identidades enquanto modo de ser e estar no mundo, com o olhar para suas roças como lugar de construção de cultura e conhecimento, e passamos sobre as dimensões que envolvem o termo, como estão no tópico 2.1.

Esta etapa do encontro refletiu sobre a identidade cabocla como uma continuidade da memória indígena, considerando os processos de colonização e o apagamento de saberes ancestrais. Assim como, ao nos colocar em prática em nossas ciências ancestrais, estamos resistindo com saberes que enraízam e trazem a fartura da terra para nossas mesas. Do mesmo modo que, diante da degradação do solo, o desmatamento e o descontrole do agronegócio na região ameaça todo modo de vida que preserva esses saberes, e que em nossa cultura está um ponto de resistência à favor da preservação dos territórios que habitamos.

Esse diálogo se concentra em valorizar o caboclo como uma identidade diaspórica enraizada na resistência e na memória, ao mesmo tempo que se insere em nossa realidade

atual, como descendentes que continuam a reafirmar nossa origem e herança indígena. Esse momento será uma ponte entre o conhecimento ancestral e as novas gerações, resgatando a memória originária de nossa comunidade familiar, mesmo que longe do território da Paraíba.

Nesta visão, a extensão do território e sua confluência com outros biomas e culturas, revela que o território expandido vive entre nós, em nossos vínculos, onde quer que estejamos. Abrimos o mapa e começamos a visualizar os caminhos que compõem nossos corpos e espíritos.

Aqui, confluímos com as lacunas herdadas em nossas memórias, onde as histórias que compartilhamos estão em mútuo complemento com o que não está visível. Para além do olhar de uma alteridade sobre nós, vivemos nossos ancestrais através de nossas próprias ações, nos propondo olhares múltiplos para nossas performatividades. Nossas conexões celebram nossa identidade indígena diaspórica, nosso eterno reencontro com nossa nação, nossas articulações com o futuro e conexões neste presente.

Neste ponto, abordo os estereótipos e as narrativas que ainda nos afetam enquanto descendentes de povos indígenas. O objetivo é desfazer visões redutoras e possibilitar caminhos para uma compreensão mais espiralada, no sentido de circundar complexidades da diáspora e identidade indígena, que resiste e se recria entre os tempos. Compartilho referências de como os povos originários se organizam e se reinventam na contemporaneidade, oferecendo novos modelos de existência que fortalecem nossas raízes.

Para encerrar, os chamo para dançar para celebrar nossa reunião e os sonhos que continuam a brotar de nossa ancestralidade, nos levando à uma pedagogia da cabocagem diretamente relacionada com a fartura. Na dança o 1 se multiplica, conectando todos que compõem a sua seara. A dança se torna um elo vivo, onde cada um encontra seu lugar, não apenas como espectador, mas como parte da história que estamos celebrando. O riso das crianças, o olhar atento dos mais velhos e o entusiasmo dos adultos convergem em uma expressão genuína de conexão, reforçando nossos laços e nossa identidade. É um momento de união em que a nossa cultura se reafirma em nossos corpos e no espaço ao redor.

Figura 27 - Nos rastros de um e de outro





Fonte: Acervo pessoal (2024)

Esse momento significou para nós, enquanto comunidade, um encontro com práticas ancestrais que se manifestam através dos nossos corpos, vozes e espíritos. Este é o pulso do meu sonho que lhes apresentei na introdução deste arquivo. Para mim, esta visão, que vem do mundo da criação, elabora neste momento ressignificações da relação com a ancestralidade e contato com uma cosmogonia que estruturou nossa cultura familiar. Aqui os corpos se ativam e elaboram em coralidade performativa que celebra nosso reencontro. É uma celebração da memória viva, onde cada palavra, cada história e cada movimento reafirma a resistência e a permanência de nossa herança. Na dança do tempo, caboclos pisam nos rastros, deixando seus próprios passos para que os próximos continuem essa jornada.

PARA QUE SONHEMOS NUMA NOITE SEM LUA

Diante da marcante presença de lacunas nas narratividades das memórias de minha família, principalmente no que diz respeito à nossa ancestralidade, temos narrativas convergentes sobre a origem familiar e afastamento de nossa seara ancestral, e outras que divergem - através de discursos contrários às memórias coletivas. Também há mais ainda aquelas que permanecem num passado silencioso. A busca pela revitalização étnico-racial dentro do seio familiar tem se mostrado um constante processo de ensino e aprendizagem, como um ponto de partida e investigação para um futuro onde nossos conhecimentos possam continuar atravessando gerações.

Portanto, esta pesquisa constitui-se como um arquivo familiar vivo em uma tentativa de reunir as práticas, memórias e saberes que nos foram passados de geração em geração, resgatando o fio da ancestralidade que entrelaça nossa história e cultura cabocla. Aberta a dinâmica cultural que nos compõe, mas como um ponto de histórias que preenchem nossos imaginários no aqui e agora. A construção desse arquivo é, acima de tudo, um ato de sonhar. Sonhar com as memórias que costuram essa história. A construção deste sonho reafirma a pedagogia própria da cabocagem como uma prática educativa que se envolve fora das salas de aula convencionais. Ela acontece no dia a dia, no contato com as práticas do roçado, nas relações familiares e comunitárias e nas memórias que compõem os territórios. Aqui, as práticas performativas com seu caráter transdisciplinar tornam-se uma linguagem cotidiana, uma ferramenta disponível para o ensino e a transmissão de saberes em família e comunidade.

Para minha família, este trabalho é uma reconexão com o que ficou velado ou silenciado pelas entres da migração e pelo distanciamento cultural. É uma tentativa de olhar para esses espaços, de resgatar as narrativas que convergem e divergem, que entrelaçam memórias, mas que também revelam silêncios profundos.

É nesse campo de divergências e convergências que construímos a pedagogia da cabocagem, a partir da qual podemos ressignificar nossa raiz, nosso pertencimento e nossa forma de habitar o mundo. Esses ensinamentos, passados entre nós pela oralidade e pela prática, nos convidam a retornar ao que sempre fomos e ainda somos. O processo de lembrar e reviver nossa cabocagem não apenas nos reconecta ao nosso passado, mas nos ensina a sonhar juntos um futuro onde nossa ancestralidade esteja em nosso cotidiano.

Para além desta família, este arquivo versa com tantas outras comunidades familiares caboclas, e desejo que seja uma contribuição para outros que buscam reconhecer e celebrar suas raízes em suas comunidades. Assim como fomenta a oralidade que flui entre esta comunidade, de modo em que os envolvidos tomem para si a constituição de sua própria narrativa. Num mundo em que sempre contaram sobre nós sem nossas participações, este sonho deflagra o movimento de começar a narrar suas próprias histórias.

Do mesmo modo, elaboramos contrapontos à diversos olhares para os estereótipos que rondam o imaginário hegemônico sobre os corpos e culturas caboclas. Ao nos aproximarmos de nossa ancestralidade contestamos a selvageria da hegemonia contra nós, e agimos num pulso contra-colonial ao sustentarmos juntos nossa memória. Assim, este sonho se expande para a resistência e continuidade, para uma educação que acontece quando decidimos semear um futuro ancestral, para o passado que carregamos e para os laços que nos definem. Essa pedagogia não apenas nos ensina; ela nos lembra quem somos e propõe ressignificações ao nosso futuro enquanto comunidade cabocla.

REFERÊNCIAS

- AUIP, M. A.; MARTINS, M. A. B. ; CARDOSO, A. V. ; COL, F. L. D. ; REBOUCAS, R. B.; NAVARRO, R. M. ; PRUDENTE, M. S. ; SOUZA, C. P. D. ; SANTOS, R. S. ; MARTINS, C. F.; MARTINS, I. A. ; COURA, L. B. . Arquiteturas do corpo e corralidades nas pesquisas artísticas e acadêmicas do Laboratório de Práticas Performativas. In: Fausto Viana; Felisberto Sabino da Costa. (Org.). **40 anos do PPGAC ECA USP: edição comemorativa**. 1ed.São Paulo: ECA, USP, 2021, v. 1, p. 361-389. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003051766> acesso em: 26 out 2023.
- BISPO, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.
- BISPO, A. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Publicação INCT. 2015.
- CAMINHA, P. *Carta a El Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. Porto Seguro, 1 de maio de 1500.
- COHEN, R. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Edusp, 2002.

- Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba.** "Regiões Hidrográficas". Disponível em: <https://cbhparanaiba.org.br/a-bacia/regioes-hidrograficas>. Acesso em: [data de acesso].
- COSTA, I. **Econarrativas visuais: o despertar de si como natureza.** 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- FABIÃO, E. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **Revista Lume**, núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais da UNICAMP, n. 4, dez. 2023.
- FRAZÃO, C. A. A.; CASTRO, A. L. O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermídia etnográfico. **Revista IENCI**, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/300/195>. Acesso em: 10 de nov. 2024.
- FREIRE, G. S.; APOLINÁRIO, J. R. Transgressão e negação da conversão dos Tarairiú no Aldeamento de Boa Vista – Capitania Real da Paraíba. **Revista Mosaico**, v. 4, n. 2, p. 155-164, jul./dez. 2011.
- KRENAK, A. **Antes, o mundo não existia.** In: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, A. **O eterno retorno do encontro. Povos indígenas no Brasil.** Novaes, Adauto (Org.), A Outra Margem do Ocidente, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.
- Latinoamericana: Enciclopédia Livre. **Abya Yala.** Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 10 de Jun 2024.
- LIMA, D. A construção histórica do termo caboclo - sobre estruturas e representações no meio rural amazônico. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dez. 1999.
- LUZURIAGA, J. **Jurema e cura: ensaio etnográfico sobre uma forma de Jurema nas periferias de Recife.** Dissertação 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2001.
- MAM Rio. **SUPERNOVA | UYRA - AQUI ESTAMOS (montagem da exposição).** Youtube, 14 de Dezembro de 2022. 3m21s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-k9ZT5ucMs>. Acesso em 15 de Fev. 2024.
- MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

- MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (Org.). **Contação de histórias: Tradição, poéticas e interfaces**. Edições Sesc SP, 2015.
- OLIVEIRA, J. Pardos, Mestiços ou Caboclos: os índios nos censos nacionais do Brasil (1872-1980). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 61-84, out. 1997.
- OLIVEIRA, V. V. **A Pedagogia da Caboclagem em Etnopoéticas: Patativa do Assaré e Outros Caboclos**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife, 2020.
- RIBEIRO, Hugo Leonardo. O desafio da endoetnografia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 177–206, 2018. DOI: 10.5007/2175-8034.2018v20n1p177. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2018v20n1p177>>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em *Performance studies: an introduction*, second edition. **New York & London: Routledge**, p. 28-51. 2006.
- TAYLOR, D. **O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: EDUFMG, 2013.
- Thomas Henry Huxley e o parentesco entre dinossauros e aves. **Intelligere**, [S. l.], n. 11, p. 178–197, 2021. DOI: 10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2021.185719. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/185719>.. Acesso em: 28 out. 2024.